

O futuro da Geografia

26

2024

INFORGEO



Associação
Portuguesa
de Geógrafos

INFOERGEO

Ficha técnica

Direção

Pedro Chamusca

Assistentes de Redação

Clara Guedes

Pedro Rego

AIG

APROFGEO

Propriedade do Título

Associação Portuguesa de Geógrafos

Correspondência

Avenida Professor Aníbal Bettencourt, 9 – 1600-
189 Lisboa www.apgeo.pt

Edição

Associação Portuguesa de Geógrafos

ISBN

978-989-35579-0-7

Revista de distribuição gratuita

Edição online

A opinião expressa nos artigos é da exclusiva
responsabilidade dos autores

ÍNDICE

Abertura	05
Capítulo I - Olhares e pensamentos sobre o futuro da Geografia	07
Reflexão sobre o futuro e desafios da Geografia (Eusébio Reis)	09
Chegamos até aqui. E agora? (Miguel Inez Soares)	13
Futuro e desafios da Geografia (Marco Teles)	15
A Geografia e o futuro: que papel? (Diogo Amaral)	17
Para uma Geografia com futuro (João Ferrão)	19
O futuro da Geografia (José Alberto Rio Fernandes)	21
O Geógrafo e o futuro (Matilde Xavier Pequito Salgueiro Mendes)	23
O futuro promissor da Geografia (Paula Remoaldo)	25
Percursos (Thiago Mendes)	27
A perspetiva de uma professora na Região Autónoma da Madeira (Vera Patrícia Santos)	29
Capítulo II – Associação Portuguesa de Geógrafos	31
Factos & Figuras	33
Valorização da Geografia	39
Capítulo III – Parceiros na valorização da Geografia	51
Associação Insular de Geografia	53



Abertura

Pedro Chamusca

Presidente da Associação Portuguesa de Geógrafos, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho




INFORmação **GEO**gráfica. É este o nome, missão e objetivo último da publicação que a Associação Portuguesa de Geógrafos iniciou em junho de 1988. Lê-se no primeiro número, que o INFORGEO é o veículo privilegiado de comunicação entre os geógrafos portugueses, estruturando-se – por comodidade de organização – sob a forma de boletim com séries temáticas. A série A, iniciada nesse número, informava principalmente sobre as atividades da associação e dos seus associados, conhecendo cinco números. A Série B era dedicada a bibliografia e a Série C a legislação, tendo sido produzidos dois boletins de cada um destes conjuntos.

Quase dois anos passados sobre o aparecimento do primeiro número do INFORGEO, o boletim informativo da APG, a Direção resolveu introduzir-lhe modificações substanciais, transformando-a em revista, com novo formato e uma dimensão substancialmente maior. O primeiro número da INFORGEO – Revista de Informação Geográfica (dos 25 que seriam publicados até 2013) era lançado em dezembro de 1990, dedicado ao tema do Ensino (e da Reforma em curso) com Direção de Teresa Barata-Salgueiro e com José Afonso Teixeira, Margarida Durão Claro, João Carlos Garcia e Carlos Sirgado a comporem o Conselho de Redação.

É com este espírito, procurando honrar o propósito inicial e o legado de nove boletins e vinte e cinco números da revista, que recuperamos hoje a INFORGEO – Revista de Informação Geográfica. Este foi um dos compromissos que apresentamos quando apresentamos a candidatura aos órgãos sociais da APG. Tivemos muitas dúvidas sobre o formato e o tipo de conteúdos a incluir. Após várias reflexões, ficou claro que a INFORGEO não deve ocupar o espaço das revistas científicas – e temos várias de destaque na Geografia Portuguesa – nem constitui o local para a apresentação de trabalhos académicos, escolares ou de outra natureza. Clarificado este ponto, tornou-se óbvio que a missão da INFORGEO era reunir informação geográfica num veículo de comunicação que pudesse chegar de forma rápida e simples a todas as geógrafas e geógrafos, independentemente do seu exercício profissional. Ou seja, a missão da INFORGEO é exatamente a mesma que encontramos no texto introdutório do primeiro boletim publicado em 1998.

Para este primeiro número escolhemos como tema “O Futuro da Geografia”. O tema é relevante, mas igualmente complexo e desafiador. Como o território e a sociedade (elementos centrais da Geografia) se transformam de forma cada vez mais rápida, imprevisível e diversa, e não possuímos uma bola de cristal que nos permita antecipar o futuro, optamos por promover uma reflexão – individual e coletiva – a partir de três abordagens.

A primeira associa-se a olhares. Convidamos Geógrafas e Geógrafos – com diferentes idades, percursos, profissões e nacionalidades – a partilhar uma visão pessoal sobre os desafios que se colocam à Geografia, as questões que devem merecer atenção, as suas preocupações ou as suas realizações. O “diálogo” faz-se com grandes referências da Geografia Portuguesa, mas também com jovens “promessas” ou profissionais já estabelecidos. São abordagens diversas, a partir de olhares distintos, que seguramente convidarão todos a pensar no futuro e no papel que poderão desempenhar na defesa e valorização da Geografia.



A segunda abordagem cumpre a missão de informar sobre as atividades da Associação Portuguesa de Geógrafos. Apresentamos a história da associação – lançada e publicada online no término do último Congresso da Geografia Portuguesa, que decorreu no IGOT em novembro último – e todas as iniciativas promovidas pela associação, descrevendo de forma breve os seus objetivos e destinatários.

A defesa e valorização da Geografia fazem-se em parceria. A terceira abordagem procura reconhecer a importância do associativismo, na sequência de um importante processo de aproximação e colaboração que se tem estabelecido com a Associação de Professores de Geografia e a Associação Insular de Geografia. Neste número convidámos a AIG a apresentar as suas atividades e iniciativas.

São estes os condimentos que reunimos para a reflexão que cada um pode e deve fazer. Sabendo que a defesa e valorização da Geografia se faz com todas e todos. Isto, num contexto em que a Geografia, como disciplina, desempenha um papel vital na compreensão do mundo em constante transformação. Um dos principais desafios que a Geografia enfrentará no futuro é a crescente complexidade das questões globais. As mudanças climáticas, a urbanização e a globalização intensificam a interconexão entre os lugares, exigindo uma abordagem mais holística e interdisciplinar por parte dos Geógrafos e outros profissionais do território. Além disso, a revolução tecnológica desempenha um papel crucial no futuro da Geografia. O uso de tecnologias no âmbito dos Sistemas de Informação Geográfica e de deteção remota proporciona uma análise mais precisa e eficiente, mas exige um equilíbrio no acesso à tecnologia com questões éticas, como a privacidade e o uso responsável dos dados.

O desafio passa por encontrar formas de conciliar o desenvolvimento sustentável com a conservação da identidade local e dos ecossistemas únicos. Isso requer uma abordagem sensível às questões culturais e uma compreensão aprofundada das interações entre sociedade e ambiente.

Sabendo, também, que o associativismo desempenha um papel fundamental neste desígnio. Convido-a/o, por isso, a uma leitura atenta e a uma reflexão profunda, individual e coletiva. E, se ainda não é associada/o, espero que considere essa hipótese, reforçando a voz e a capacidade de intervenção e dinamização de iniciativas de uma das três associações que diariamente tanto fazem pela Geografia portuguesa.

Espero que goste! Viva a Geografia!

Olhares e pensamentos sobre o futuro da Geografia



Reflexão sobre o futuro e desafios da Geografia

Eusébio Reis

Direção da Associação Portuguesa de Geógrafos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa



Uma reflexão sobre o futuro e os desafios que se colocam à Geografia exige uma breve incursão ao passado, assim como a menção ao próprio objeto de estudo que a sustenta.

A Geografia é, como se sabe, uma ciência antiga. Começa por ser essencialmente descritiva, tais como se comprova pelos trabalhos de diversos geógrafos da Antiguidade (que frequentemente eram também filósofos, historiadores, astrónomos, matemáticos, etc.). Mas o que leva a que um estudioso seja considerado geógrafo? Eratóstenes (276 - 194 a.C.), tido também como o fundador da disciplina Geografia, com a sua obra denominada Geográfica[1], afirma que Homero (928-898 a.C.) teria sido o primeiro geógrafo, pois realizou “descrições topológicas e climáticas de determinados locais e regiões na antiguidade”[2]. Outros estudiosos, nos séculos seguintes, seguem abordagens similares, baseados em estudos próprios ou utilizando descrições de viagens e expedições feitas por outros. Cite-se, a título de exemplo: Anaximandro (610 - 546 a.C.), considerado um dos mais antigos (ou o mais antigo?) geógrafos conhecidos[3], sendo considerado por Estrabão como o primeiro a publicar um mapa-múndi[4]; Estrabão (63 ou 64 a.C. - ca. 24 d.C.), autor da monumental Geografia, em que relata a história e descrições de povos e locais de todo o mundo que lhe era conhecido à época; Plínio, o Velho (23 – 79 d.C.), com o tratado denominado História Natural, que oferece uma visão da geografia, zoologia e botânica na Antiguidade; e Ptolomeu (ca. 70 - ca. 170), na sua obra Geographia, que engloba o conhecimento geográfico greco-romano, incluindo coordenadas de latitude e longitude para os lugares mais importantes.

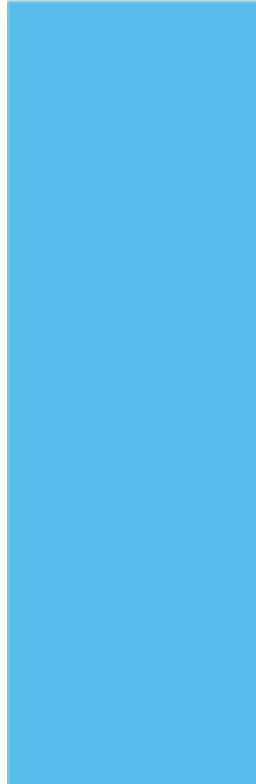
Na época áurea do Império Romano, assim como em períodos subsequentes, a Geografia deu uma enorme contribuição para o conhecimento, através da descrição de portos, cidades, rotas marítimas e terrestres, e de recursos com relevância económica, informações importantes para a atividade comercial, mas também de interesse militar. Nos séculos XI e XII o conhecimento geográfico greco-romano foi parcialmente preservado, melhorado e ampliado por geógrafos muçulmanos da Península Arábica, mas os desenvolvimentos associados não foram devidamente considerados e assimilados pelos pensadores europeus da época. As explorações que os portugueses realizaram nos séculos XV e XVI, a que se juntaram outras nações europeias, possibilitaram a aquisição de informação rica e variada, a qual, para além do conhecimento dos locais, permitiu também conhecer a diferença entre as regiões do globo. Neste contexto, a Cartografia tornou-se também um instrumento fundamental para a Geografia, possibilitando a representação dos elementos, com cada vez maior pormenor e abrangência espacial.

[1] Roller, D. W. (2010) Eratosthenes' Geography. Fragments collected and translated. Princeton University Press (p. 1).

[2] Idem (p. 1-2).

[3] Claval, P. (2007) História da Geografia. Col. Biblioteca 70, Edições 70, Lisboa. ISBN: 9789724413433.

[4] Evans, J. (2009) «Anaximander | Greek philosopher». Encyclopædia Britannica. <https://www.britannica.com/biography/Anaximander>



A descrição, tão presente nos trabalhos geográficos, é de enorme importância! Séculos depois, os trabalhos de Alexander von Humboldt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859), considerados precursores da Geografia moderna, beneficiaram largamente desse conhecimento descritivo acumulado. Surgiram, assim, num contexto em que quase toda a superfície terrestre era conhecida e tinha sido estudada e cartografada, como resultado de um conhecimento geográfico mais fundamentado em viagens, cartografias e estudos mais rigorosos e precisos.

Desde sempre nos habituámos a ouvir que a Geografia estuda “a distribuição espacial dos fenómenos na superfície terrestre” e que é uma “ciência integradora”. Ora, não é possível estudar o território sem relacionar as suas diversas componentes e, para isso, a Geografia socorre-se de diversos saberes para criar o seu espaço de intervenção. Enquanto estudantes de Geografia, em um dia aprende-se como funciona a circulação geral da atmosfera, mas também como os fatores geográficos influenciam e transformam estas condições, criando diferenciações regionais e locais; mas, no dia seguinte, aprende-se como se organiza a economia global e se estabelece a teia de relações entre países, e como alterações dessa estrutura se refletem na vida das sociedades humanas a nível local. Noutro dia, aprende-se como as forças endógenas afetam o planeta, mas, também, como atuam os fatores responsáveis pela erosão e transporte sedimentar numa pequena vertente. E, ainda, como se processaram e processam os grandes fluxos migratórios no Globo, mas também como estes se associam a condicionantes sociais, económicas e naturais, estudadas em outros contextos.

A Geografia atua, portanto, a diversas escalas espaciais, mas também, porque o território necessita de tempo para se modificar, reestruturar e reorganizar, a escala temporal não pode ser menosprezada. A Geografia preocupa-se, assim, com todos os fenómenos que interagem e modelam os territórios, não apenas os que existem, mas também os que existiram. Mas, para além disso, atualmente foca-se em compreender como as alterações se refletirão no futuro dos territórios. Há muito que a Geografia deixou de ser uma ciência essencialmente descritiva, assumindo uma componente analítica e explicativa dos fenómenos, com destaque particular na interligação entre o mundo natural e o mundo humano. O geógrafo Yi-Fu Tuan (1930-2022) define Geografia como “o estudo da Terra enquanto a casa do Homem”[1]. Eventualmente, pode parecer uma interpretação demasiado simplista e restritiva, em particular para os geógrafos da área da Geografia Física, mas coloca em evidência, claramente, a importância das relações entre o mundo humano e mundo natural, que sempre constituiu um dos temas centrais da Geografia.

Por vezes, interpreta-se a abrangência temática da Geografia como uma fraqueza, mas, na verdade, sempre foi uma das suas maiores forças. Para além de uma maior facilidade na compreensão do mundo em vivemos, facilita a aquisição de novos conhecimentos, com diferentes proveniências, e a integração em equipas multidisciplinares para resolução de problemas específicos. É natural, também, que se tenha assistido a alguma especialização! Sim, necessariamente, mas sem perder o enquadramento abrangente, na interligação entre os mundos humano e natural, que tanto caracteriza a Geografia. Apesar desta especialização, manteve-se a enorme capacidade de ligação a outros saberes e assimilação de conhecimentos com interesse para a Geografia. Por outro lado, assiste-se à diversificação e intensificação dos contactos com outras áreas científicas, assim como à emergência de muitas temáticas novas, antes pouco estudadas no âmbito da Geografia, o que leva os geógrafos a especializações cada vez mais diversificadas e aprofundadas.

[1] Buttimer, A. (1993) Geography and the human spirit. In: Annales de Géographie, t. 103, n.º 579, p. 530-531.



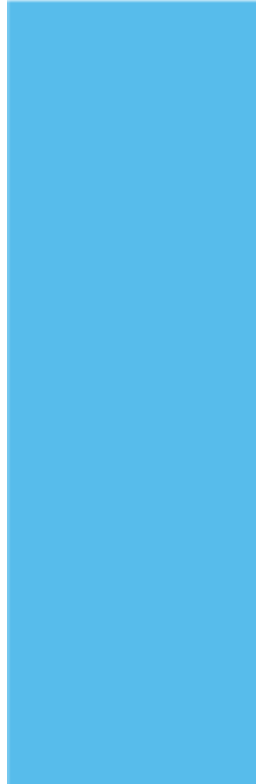
E o que tem tudo isto a ver com o futuro da Geografia?

Esta abrangência temática e a incorporação de novos saberes na Geografia, alicerçados na análise quantitativa e na criação de modelos e desenvolvimento de cenários, é claramente uma mais-valia para a Geografia. E nunca o Mundo necessitou tanto desta capacidade, à medida que as relações se parecem tornar cada vez mais complexas e os territórios cada vez mais dinâmicos. Apesar disso, ainda não se ultrapassou, de forma definitiva, a associação simplista da Geografia a mapas, referências geográficas (onde fica?) e descrições, que ainda permanece, de forma quase transversal, como imagem em vários setores fora do mundo académico e científico. Este é, pois, um dos desafios a ultrapassar para a inserção mais adequada da Geografia na Sociedade e para a sua valorização como ciência que deve ter um papel fundamental na busca de respostas para problemas que afligem as sociedades.

Assistimos atualmente a transformações ambientais e sociais marcantes, mas também a grandes modificações na própria Geografia. Como já se referiu, temáticas emergentes – alterações climáticas, estudos de género, saúde e bem-estar, etc. – têm enriquecido o seu campo de atuação. Todavia, a estas modificações na Geografia não será certamente indiferente o desenvolvimento de tecnologias de aquisição e análise de dados geográficos, em particular ao longo das duas décadas anteriores. Vivemos hoje numa sociedade tecnológica e num “mundo georreferenciado”; este “novo mundo” trouxe uma nova geração de geógrafos com uma visão renovada e com novas expectativas, centrados na informação geográfica e nos métodos de análise. Já não é apenas a incorporação de uma visão espacial (3D), e de uma componente temporal (4D), mas também uma perspetiva multiescalar (5D), desde o muito pequeno (uma “microgeografia”?) até ao muito grande (uma “macrogeografia”?), esta funcionando de forma fluída, reconfigurando-se, de acordo com o contexto e as necessidades, aberta a múltiplas determinações e possibilidades, pois a escala assume-se como um atributo do espaço multidimensional, em que as escalas específicas estão associados diferentes atores e processos, assim como diferentes níveis e intensidades interrelacionais. Mais, num futuro relativamente próximo, o âmbito poderá ir para além do próprio “Geo”. Embora a Geografia tenha sido criada tendo como objeto o planeta Terra, muitos dos seus conceitos podem ser aplicados de forma mais abrangente a outros corpos celestes no campo da ciência planetária, a qual se encontra em clara expansão. O que parece agora uma simples divagação, terá a sua concretização em algumas décadas!

Mas, voltando “à terra”, e considerando uma perspetiva a curto prazo, com a transversalidade dos novos conhecimentos, dos novos métodos associados à Ciência da Informação Geográfica, e à sua parte mais visível (os Sistemas de Informação Geográfica), o âmbito da Geografia tem-se alargado e assim continuará. Não deixa de ser um facto interessante que os Sistemas de Informação Geográfica trouxeram de volta a importância da cartografia ao seio da Geografia, assim como têm possibilitado níveis de análise cada vez mais abrangentes, aprofundados e complexos. Um dos conceitos importantes para a Geografia, muitas vezes referido como a sua primeira lei, proposto por Waldo Tobler[1], refere que “tudo está relacionado a tudo o mais, mas coisas próximas são mais relacionadas do que coisas distantes”. Embora o aumento da acessibilidade, decorrente do desenvolvimento dos transportes, nomeadamente por via aérea, tenha facilitado a comunicação entre locais longínquos, por vezes suplantando a comunicação entre locais mais próximos, este conceito é quase axiomático para a Geografia, pois permanece válido para a maior parte

[1] Tobler, W. (1970) A computer movie simulating urban growth in the Detroit region. *Economic Geography*, vol. 46, Proceedings. International Geographical Union. Commission on Quantitative Methods, p. 234-240, Clark University. <http://www.jstor.org/stable/143141>. Citação na pag. 234.



fenómenos na superfície terrestre. Serve, por isso, de base à elaboração de numerosos modelos de distribuição e expansão espacial de fenómenos, especialmente relevantes e ajustados à realidade, se forem tidos em conta desenvolvimentos tecnológicos, modificações nas infraestruturas e transformações socioeconómicas, assim como de fatores comportamentais, suportados por motivações humanas individuais e coletivas, que permitam oferecer uma visão mais abrangente das interações espaciais.

Constituirão estes “novos caminhos” da Geografia uma rutura com o passado? Não parece que assim seja, até porque estão alicerçados em conhecimentos e métodos anteriores, bem familiares ao contexto da ciência geográfica, embora com novas ferramentas. Constituirão uma revolução epistemológica? Provavelmente, mas deverá constituir uma enorme mais-valia para a Geografia! Obviamente, como seria de esperar, traz também desafios e incertezas. É, assim, importante, neste contexto, que não se perca o contacto com a realidade do terreno, através do trabalho de campo, tão característico da Geografia, e que não se desvirtuem os conceitos associados à ciência geográfica.

Mas, apesar dos perigos e incertezas, o futuro apresenta-se excitante e promissor para a Geografia!

Chegámos até aqui. E agora?

Miguel Inez Soares

Professor de Geografia, Vice Presidente da Associação de Professores de Geografia



Quase todas as ciências já se autointitularam “Mãe” de todas elas. Será esta uma perspetiva autocentrada ou a tentativa de demonstrar a supremacia face às outras ciências? Esta visão só poderá enfraquecer a ciência num século que já chegou a um quarto do seu percurso e que só poderá evoluir através da interconexão e da interdependência de todos. Faz muitos séculos que o mundo entendeu que para se conquistar o outro não se pode exercer o poder sem consentimento. Todos já entendemos, mas não queremos aplicar. O Homem caçador-recolector continua marcado na genética de todos nós e quando procuramos um mundo melhor, mais pacificado e sustentável parece que ficamos presos a estruturas mentais primárias que toldam as conexões neuronais e não nos deixam evoluir.

Qual o papel da Geografia neste processo? Não será atrevimento dizer que é fundamental e sem a Geografia não conseguiremos sobreviver. A Geografia não é a mãe de todas as ciências, mas dará o seu contributo definitivo para a nossa sustentabilidade.

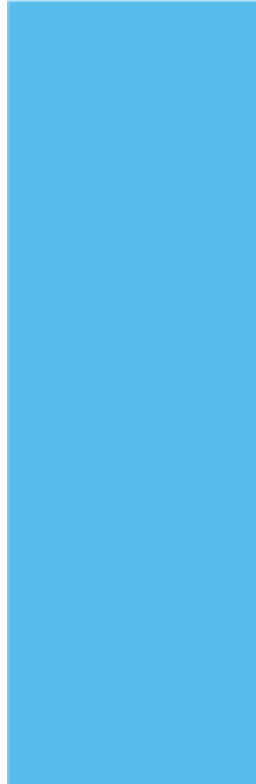
O mote para esta reflexão foi: qual o futuro da Geografia e os seus desafios?

A resposta é complexa e passa definitivamente por duas etapas, a primeira é como vamos ensinar a Geografia e depois, o que vamos fazer com ela.

Inevitavelmente, que na primeira etapa chegamos à Escola, aos alunos, aos professores e à sua formação. Importa refletir e perguntar se a Escola já está disfuncional não conseguindo responder a uma população que na próxima geração já não serão apenas nativos digitais, mas pertencerão a uma geração de nativos digitais avançados onde a realidade virtual, inteligência artificial e tecnologias emergentes serão parte integrante de sua vida quotidiana. As sociedades não deverão ter receio de produzir seres críticos, informados e com acesso instantâneo à informação com capacidade de validar a verdade.

A Escola desempenha um papel crucial na desconstrução de dogmas, evitando a sua perpetuação, e quem melhor consegue fazer, são os professores, os especialistas em desconstruir o difícil para torná-lo fácil, os provocadores do pensamento, os desafiadores de conformismo e da passividade. A Geografia consegue dar esta liberdade, esta capacidade de articular a informação numa sociedade anestesiada pelo conhecimento padronizado e “cartelizado” difundido de forma imediata, armadilhando até as fontes mais credíveis.

Mas, para conseguirmos chegar a este patamar evolutivo, para os nossos alunos, temos de, inevitavelmente, formar professores com estas características. A formação não poderá continuar centrada apenas numa entidade de ensino superior que certifica e que, frequentemente, tem um distanciamento em relação ao terreno (Escola) provocando uma distorção da realidade. A formação deverá passar, também, por instituições que contribuem de uma forma exemplar para a formação contínua de professores e que possuem profissionais experientes que estão no terreno, um exemplo são as Associações de Professores. Já não estamos num mundo “geocêntrico”, o sucesso passa por redes profissionais e trabalho colaborativo.



Devemos ensinar Geografia ou processos para que a Geografia possa ser útil na construção de um indivíduo produtivo e feliz?

Será mais importante usar um semestre na formação de professores a ensinar planificações (que já estão feitas por especialistas) ou usar o mesmo tempo para refletir e construir uma operacionalização eficaz?

O que será mais eficaz? Mostrar imagens estereotipadas de países desenvolvidos ou em desenvolvimento associadas a uma tabela de características dicotómicas ou pedir aos alunos para que se coloquem no lugar do outro e tentem sobreviver com um euro por dia fazendo um plano semanal?

A Geografia tem este potencial infinito, a Geografia consegue interpretar o mundo, os fenómenos e apresentar as soluções. Se ensinamos Geografia, e ensinamos a ensinar Geografia devemos compreender o seu futuro e os seus desafios.

Em 2024 torna-se inevitável falar na Inteligência Artificial (IA), não que seja uma novidade, mas pela evolução na Inteligência Artificial Generativa que a tornou universalmente acessível, tal como aconteceu com a World Wide Web relativamente à Internet.

Tal como as outras ciências, a Geografia irá recorrer à IA de uma forma integrada para responder aos grandes desafios que a Humanidade enfrenta ou operacionalizar a aprendizagem com base nas características e interesses dos alunos garantindo uma abordagem mais personalizada e eficaz.

O principal desafio, no futuro, da Geografia é a resolução de problemas globais. Pode parecer ambicioso, mas será fundamental na sua abordagem, tais como no acesso e gestão dos recursos, nos fenómenos migratórios ou na mitigação dos efeitos antropogénicos nos ecossistemas.

Com o crescimento populacional e a contínua urbanização, a Geografia desempenhará um papel crucial no planeamento e desenvolvimento urbano sustentável, em cidades inteligentes, resilientes e que preservem os recursos.

Tecnologias de mapeamento remoto continuarão a evoluir, tornando-se ainda mais essenciais na monitorização das transformações no planeta. A interpretação destes dados será vital para a tomada de decisões informadas.

A Geografia deverá estar na vanguarda da integração de tecnologias emergentes, como a inteligência artificial e a análise de dados geoespaciais, o que permitirá uma compreensão mais profunda de padrões espaciais complexos e a resolução de problemas de forma mais eficiente.

A consciência geopolítica continuará a ser crucial num mundo cada vez mais interligado e a Geografia tem um papel fundamental na compreensão das relações entre países, fronteiras e recursos, na abordagem de questões globais como a segurança ou as redes comerciais.

O futuro da Geografia será moldado pela capacidade dos profissionais de se adaptarem às mudanças tecnológicas, sociais e ambientais, bem como pela sua capacidade de abordar desafios complexos e interconectados numa escala local e global.

Se a Geografia serve para tudo isto conseguirá, com certeza, em associação com a IA construir o melhor e o maior mapa para a Humanidade: **O Mapa da Coexistência e da Solidariedade.**

Futuro e desafios à Geografia

Marco Teles

Presidente da Associação Insular de Geografia



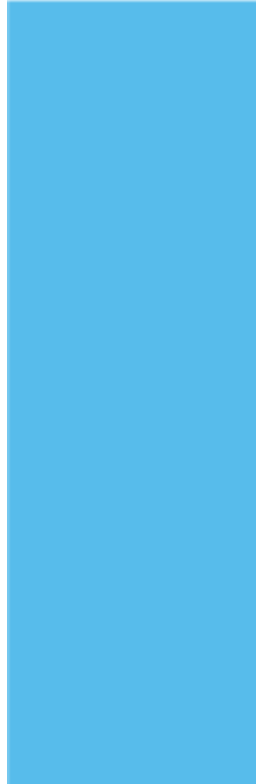
Há convites e convites! Sobretudo quando a proposta incide sobre uma (micro)reflexão acerca do futuro da Geografia, essa amiga de longa data que me acompanha desde os tempos do 3º ciclo e com quem nem sempre tive a melhor das relações pessoais ou profissionais. Quem diria!

Este convite surge no seguimento do(re)lançamento da Inforgeo, cuja certidão de nascimento remonta já a março de 1988, na altura sob a forma de um folheto, vindo dois anos depois, a ganhar uma nova roupagem como revista de periodicidade semestral. Teresa Barata Salgueiro, no editorial do n.º1 (1990) dizia que "vivemos num mundo onde a mudança é uma realidade e as transformações ocorrem em ritmo veloz". Um pouco à frente acrescentava: "(...) a descoberta de que os recursos naturais são limitados e os fortes sinais de degradação do ambiente estão a forçar relações ou posturas novas face ao ambiente. Entretanto, o crescimento desmesurado de muitas áreas urbanas tem conduzido a uma acentuada degradação da qualidade de vida e a vários desperdícios, designadamente em termos de gastos de energia". Ao reler estes textos fiquei a pensar que, de facto, a capacidade de visão dos geógrafos tem constituído uma mais-valia inestimável a este país, pese embora, nem todos o vejam dessa forma.

Mas voltando à Inforgeo, é de realçar a pertinência do seu (re)lançamento numa data muito especial - o Dia da Geografia que, pela primeira vez, será celebrado a nível nacional a 25 de fevereiro, em homenagem à data da homologação do 1.º Curso de Geografia (sciencias geográficas) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, conforme proposta conjunta de três entidades nacionais integradas na task-force "Pela valorização da Geografia": Associação Portuguesa de Geógrafos, Associação de Professores de Geografia e a "minha" Associação Insular de Geografia.

Devo dizer que é com muita expectativa que aguardo pela chegada desta nova efeméride nacional e, sobretudo, pelos impactos que esta celebração poderá acarretar no futuro, criando-se aqui um momento-chave para, anualmente, celebrarmos a Geografia com o estatuto que ela merece (que pode e deve ser enaltecido), trazendo a público a inegável riqueza do imenso trabalho que, no continente e nas duas regiões autónomas, se vai produzindo, com mais ou menos visibilidade, mas sempre com a vontade de enaltecer as valências que a nossa ciência representa para a sociedade e para o desenvolvimento regional e nacional.

O futuro da Geografia num mundo global "veloz", irrequieto, irreverente, confuso, envolto numa incerteza constante em torno de uma nova ordem mundial (seja ela qual for), traz inevitavelmente à nossa ciência desafios acrescidos relativamente à forma como temos de nos posicionar face a outras áreas do conhecimento que nos são próximas e ao rumo que temos de definir para o futuro próximo, garantindo-se que as nossas particularidades/capacidades enquanto geógrafos permaneçam válidas e reconhecidas pelas comunidades científica e civil. Em termos muito práticos (porventura "politicamente incorreto"), num mundo cada vez mais pragmático e concorrencial, diria que o grande desafio subsiste verdadeiramente em garantir a utilidade do geógrafo, seja no campo científico, seja na área educacional. Valor não nos falta e importância social também não. Há que preservar esta profissão singular que confere aos seus profissionais a capacidade única de observar e examinar o território sobre uma multiplicidade de pontos de vista, articulando saberes de diferentes áreas do conhecimento. Esta será, a meu ver, uma característi-



ca peculiar que nos é particularmente reconhecida, mas que não tem sido devidamente valorizada, nem da qual temos conseguido tirar os devidos proveitos.

À Geografia compete a luta incansável (por vezes, até frustrante), contra os que não percebem (ou não querem perceber) a complexidade de interações inerentes ao sistema de gestão territorial, isto claro, se estivermos verdadeiramente interessados em promover territórios que sejam espaços efetivos de coesão, sustentabilidade e inteligência. E este último aspecto (territórios inteligentes) é, sem sombra de dúvida, um desafio complexo que se coloca no presente e que se agudizará no futuro, ao ritmo frenético com que caminhamos para a digitalização nos mais diversos domínios, pressionados pelas metas da transição ecológica e digital que norteiam as políticas europeias da atualidade, rumo a um 2050, onde a neutralidade climática da União Europeia terá de ser, mais do que um desejo, uma constatação. Os muitos milhões de euros que serão derramados até 2026 (em teoria, pelo menos!) com a implementação do Plano de Recuperação e Resiliência exigem uma resposta clara e objetiva das autoridades públicas rumo à modernização e revitalização do país e, nesta matéria, há aqui um contributo importante que poderá ser dado pela Geografia e que terá, por exemplo, ao nível da aplicação do novo regime jurídico do cadastro predial (e na forma como as autoridades públicas comunicarão com o cidadão), uma ação muito significativa, com visibilidade e notório reconhecimento social que deveremos saber capitalizar, reafirmando a importância da Geografia como ciência ao serviço da melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. Mas muitos outros exemplos encaixam neste mesmo raciocínio...

Também na Educação, a digitalização e a pressão cada vez maior da enigmática Inteligência Artificial (tão promissora, como assustadora!), criam desafios enormes, para os quais teremos de ser capazes de encontrar respostas, quanto mais não seja, pela própria pressão crescente e continuada que os alunos colocarão sobre os professores, no sentido de se caminhar para a sua utilização (eventual banalização até...) na sala de aula, como ferramenta do processo de ensino-aprendizagem. A classe docente (particularmente envelhecida) terá forçosamente uma predisposição mais limitada para a inclusão destas novas ferramentas que, sem que ninguém as verdadeiramente escolham, acabam como por ser "impostas" à escola e aos lares. O drama não estará exclusivamente do lado dos docentes. Os pais/encarregados de educação sentem o mesmo problema e a mesma incapacidade de compreender e reagir a um mundo tecnológico, que circula em velocidade de cruzeiro excessivamente rápida para ser devidamente assimilada e compreendida.

Temendo que não tenha sido particularmente bem sucedido na elaboração desta modesta reflexão sobre o futuro da Geografia, considero pertinente acrescentar ainda esta pequena achega: a Geografia forma geógrafos, mas há muitos não-geógrafos que fazem Geografia! Serão ameaça ao "nosso" campo de intervenção? Não creio, mas honestamente acredito que precisamos de estar mais atentos a quem faz Geografia e termos a capacidade de chamar a nós o que é nosso. Isolacionismo? Não, de todo, até porque, o trabalho dito em rede, nunca foi tão importante como nos dias que correm. E por isso mesmo, a modernização da Geografia implicará um olhar muito atento sobre a digitalização e as novas tecnologias, enquanto ferramentas que devemos incorporar nos nossos métodos de estudo e de trabalho.

A Geografia e o futuro: que papel?

Diogo Amaral

Departamento de Geografia e Turismo – Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra

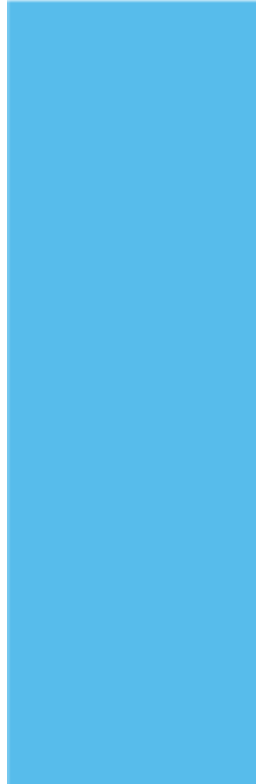


A Geografia, de um modo genérico, é a ciência que compreende as relações físicas e humanas, as suas interações, divergências e similitudes. À Geografia, num ponto de vista genérico, compete analisar e descrever os diversos intervenientes no espaço, sejam estes de característica natural, económica, social, ou no seu conjunto.

A evolução do mundo, quer do ponto de vista digital, social, económico, ou natural, nas suas diversas velocidades, tem vindo a requerer ao Geógrafo uma formação cada vez mais consolidada, abrangente e, ao mesmo tempo, com o aprofundamento necessário, por forma a saber aliar aos conhecimentos específicos das áreas, o conhecimento genérico do que se compreende como espaço e, deste modo, permitir uma análise multifacetada dos intervenientes na mudança do Espaço. Se, por um lado, a ultraespecialização nos domínios científico-laborais tem vindo a permitir conhecimentos até então longe de serem imaginados, contribuindo com um aumento da informação e das potencialidades de análise, por outro, tem impedido uma abordagem abrangente e consensual, dando potencial a erros que podemos apelidar de principiante.

Nesta senda ultraqualificada, com uma cultura de especialização, o Geógrafo deve remar em sentido contrário, preferindo um conhecimento cada vez mais abrangente, ainda que suficientemente aprofundado, surgindo, assim, como elemento de conexão entre a comunidade científica e a sociedade. A um geógrafo, na atualidade, requer-se o papel de “Caronte”, não no sentido mitológico, porém como um meio de comunicação, conseguindo, nos meandros da especialização e linguagem científica, prover alternativas reais e fundamentadas que permitam uma valorização do território e, assim, do Espaço. O Espaço para um geógrafo, não pode, portanto, cingir-se à noção do espaço físico, todavia ao conjunto de intervenientes que formam a sua ocupação, sejam estes de natureza antrópica como fito-zoológicos. A visão do Espaço Geográfico deve privilegiar as nuances antrópicas e naturais, permitindo uma coexistência nem sempre fácil.

Ao Geógrafo compete, também, a desmistificação de alguns mitos promovidos pelos média. Muitos destes mitos, na realidade, são gerados por forma a possibilitar a criação de canais digitais, numa tentativa desenfreada de captar a atenção dos (tele)espectadores, levando-os a situações reais de pânico. Todo o Geógrafo deve aprender a tratar o sistema Terra como seu, na perspetiva de um canal aberto à espera de ser desbravado e com possibilidade de alteração nos seus distributários. A compreensão da Terra, na Geografia, assume-se como um livro, que necessita de ser escrito, descrevendo as suas características, evoluções e interações, possibilitando perspetivas futuras e/ou considerações passadas. Para escrever este grosso e complexo livro, o Geógrafo deve munir-se, desde logo, de informações fiáveis e sem sensacionalismos, estando preparado para o apoucamento público que, com o tempo, lhe poderá dar razão.



Infelizmente, nas dimensões universitárias e do ensino regular, a Geografia vê-se espezinhada num conjunto de conhecimentos puramente teóricos sem qualquer contacto (ou muito pouco) para com o mundo exterior. O mundo é a Geografia e o Geógrafo é aquele que se propõe a descobri-lo. E não se descobre o livro apenas através do Earth, Maps ou dos PowerPoints que figuram em muitas das aulas. Numa visão de charneira da ciência geográfica, é fulcral o cativar dos alunos e criar as relações visuais para com as suas explicações teóricas. Um ensino puramente teórico afasta as pessoas da Geografia, que a consideram uma ciência desnecessária e não compreendem o seu verdadeiro valor. E aos poucos que a procuram, desmotiva-os e leva-os a um insucesso e incompreensão da verdadeira abrangência da Geografia.

É normal e, de certo modo, esperado que muitos dos atuais estudantes da Geografia não possam falar de forma abrangente sobre todas as áreas que a Geografia calcorreia. Se durante o período de aprendizagem ou pouco tempo depois os alunos não têm noção da verdadeira noção da abrangência do conhecimento geográfico, é normal uma visão enviesada e redutora das interações que compõem o sistema Terra nas suas particularidades antrópicas e naturais. A esta indiferença que resulta em incapacidade de discorrência sobre a Geografia (por parte dos seus especialistas!), deve ter-se em mente uma mudança de abordagem. Um possível "regressar ao passado" no método de ensino, permitindo aos jovens geógrafos a descoberta do mundo e da sua complexidade.

As paisagens, antrópicas e naturais, as características faciológicas, arquitetónicas, genéticas, etc., são resultado de um longo tempo evolutivo. A Terra, de um certo modo, repete a mesma receita para todas as suas "criações": tempo e tentativas (podendo abordar-se, até, alguns dos princípios estratigráficos como o do atualismo). O Homem, como ser de capacidade intelectual, com discernimento e capacidade de correlação, deve aprender com as tentativas que se lhe acometem todos os dias. Nesta campanha de aprendizagem, é requerido um conhecimento especializado, aprofundado, mas acima de tudo um elemento conectivo, que permita dar uma resposta assertiva, coerente e com futuro. Na senda de sustentabilidade que atualmente coordena os estudos científicos, a principal premissa assume-se na interdisciplinaridade, com a conciliação dos vastos conhecimentos que todos os dias são disponibilizados. É necessária uma conversão cada vez mais exigente, retirando os conhecimentos essenciais, auxiliando o decisor político/social. Infelizmente, esta não é uma tarefa fácil e exige muito mais que um curso superior: uma paixão e um conhecimento abrangente, numa corrida ávida pelos conhecimentos, pelas descobertas, com suficiente espírito crítico para se reinventar. Esta poderá ser o grande contributo da Geografia no século que já não é das luzes, mas das incertezas. E a nós, geógrafos, poderá ser o maior desafio das nossas vidas.

Para uma Geografia com futuro

João Ferrão

Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa



O futuro da Geografia pode ser pensado a partir de dois referenciais opostos: a Geografia ou o Futuro.

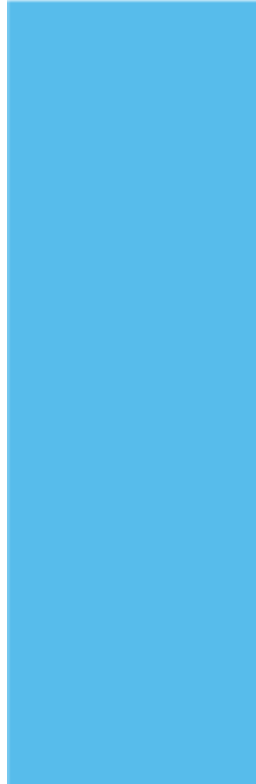
A primeira perspetiva, que corre riscos óbvios de corporativismo, tem a vantagem de basear-se numa situação concreta, o presente, independentemente de considerarmos a Geografia como um corpo específico de conhecimentos, uma comunidade profissional e de prática ou uma realidade objetiva e subjetiva. A pergunta a formular neste caso é, então, o que será (contexto de inércia), poderá ser (contexto de possibilidades) ou deverá ser (contexto de intencionalidade) a Geografia no futuro, a curto, médio e mesmo longo prazo.

Na perspetiva oposta, o ponto de partida é o próprio futuro. A pergunta a pôr será, por isso, uma outra: tendo como referência futuros desejados, como deverá evoluir a Geografia, enquanto conhecimento, comunidade e realidade, de modo a contribuir de forma útil e eficiente para a antecipação desses futuros? Ou seja, que Geografias do futuro conseguimos imaginar, queremos garantir, poderemos construir? Esta segunda perspetiva tem a vantagem de partir de uma questão abrangente, de natureza global e, por isso, transdisciplinar e amplamente partilhável por outros domínios disciplinares e da sociedade, mas corre os riscos inerentes a posturas demasiado normativas e abstratas.

Talvez uma forma de ultrapassar a dualidade acima referida seja pensar criticamente Geografias com futuro, evitando adotar uma visão meramente corporativa (a Geografia à luz dos interesses de quem a pratica) ou ideológico-programática (a Geografia à luz de um projeto mais ou menos iluminado), mas reconhecendo, ao mesmo tempo, tanto a legitimidade dos interesses particulares associados à Geografia como as vantagens de adotar perspetivas estratégicas valorativas de longo prazo.

A Geografia-conhecimento e comunidade, como qualquer outro domínio, sempre evoluiu em função de um jogo complexo e variável, no tempo e no espaço, entre fatores internos (isto é, de âmbito disciplinar) e fatores externos (ciência, política, sociedade, economia). Ao longo da história verifica-se, aliás, que a Geografia institucionalizada alternou períodos em que foi inscrita em projetos políticos e sociais (geopolítica, ensino obrigatório), com outros em que revelou força suficiente para se inscrever por mérito próprio em projetos mais globais (planeamento, análise de riscos, cidadania territorial, etc.). Uma Geografia com futuro terá de conseguir influenciar a relação entre fatores internos e externos, não se deixando subjugar exclusivamente nem por uns nem por outros.

Retirar lições do passado, potenciar os aspetos que a distinguem e valorizar os seus vários legados como estratégia de inscrição societal e de reconhecimento político: este parece ser o caminho a percorrer pela Geografia para quem entende que não há futuros sustentados a-espaciais nem geografias duradouras sem sentido de futuro. Milhares de páginas foram escritas, por geógrafos e não-geógrafos, sobre a natureza distintiva e a importância do conhecimento geográfico, umas ingenuamente apologistas, outras excessivamente datadas, e outras ainda lucidamente prudentes. Na verdade, aprendemos com todas elas. Que ilações devemos, então, retirar?



É hoje aceite que as atividades académicas se repartem por três grandes domínios, desejavelmente articulados entre si: ensino/aprendizagem, investigação e serviços de extensão à sociedade e às empresas. Um Geografia com futuro terá de ter uma atuação relevante em todos eles do ponto de vista científico, político e societal.

É hoje reconhecido que existe um contraste crescente entre uma realidade planetária cada vez mais complexa e interativa e um mundo institucional e disciplinar que permanece demasiado segmentado. Uma Geografia com futuro terá de integrar proactivamente visões e práticas inter e mesmo transdisciplinares, sem receios de diluição ou subalternização.

É hoje evidente que vivemos sob a intensa pressão de múltiplas urgências e transições (demográfica, climática, energética, digital), que impõem respostas rápidas e orientadas para a resolução ou mitigação de problemas muito específicos. Uma Geografia com futuro terá de saber atuar de forma útil em contextos marcados pela necessidade de prontidão de respostas, mas não pode perder a noção de que a superação de muitas dessas urgências e a concretização das referidas transições exigem a antecipação de outros futuros.

É hoje relativamente claro que a força e a distinção da Geografia, do ponto de vista tanto analítico como propositivo, decorrem da sua visão simultaneamente territorial e multiescalar, ainda que ao longo do tempo essa visão tenha recorrido a expressões distintas (p.e. lugar, região e espaço; geografia geral e geografia regional). Uma Geografia com futuro não pode limitar-se a invocar essa capacidade integradora como algo inerente e garantido, devendo comprová-la do ponto de vista teórico, metodológico, da ação política e pública, e da construção da cidadania.

Finalmente, é hoje óbvio que uma Geografia única, a uma voz, ditada por visões, interesses e poderes corporativos ou instrumentalizada por visões, interesses e poderes alheios, será sempre demasiado pobre para conseguir decifrar e transformar o mundo. Uma Geografia com futuro deverá ser plural, acarinhar o debate interno e externo, e praticar valores transversais, como a compaixão e a generosidade, colocando-se ao serviço de interesses de ordem superior: liberdade de conhecimento, cidadania informada, inovação societal, salvaguarda de bens comuns, defesa do interesse público, sustentabilidade do planeta e dos vários sistemas que garantem o seu bom funcionamento.

O futuro da Geografia

José Alberto Rio Fernandes

Faculdade de Letras, Universidade do Porto

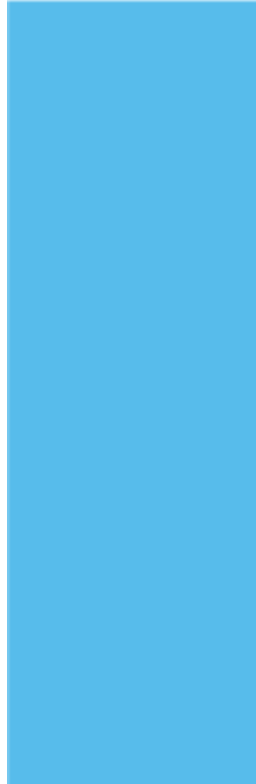


Falar do futuro tem tanto de difícil, como de necessário. É difícil, porque deve significar a associação a algo que possa ocorrer com forte probabilidade, o que implica capacidade de previsão – ou pré-visão. É competência que não tenho e dizem ser qualidade só de profetas ou bruxos^[1]! Em alternativa, pensar os tempos que ainda não ocorreram apenas na base das tendências do passado é arriscado, especialmente quando se percebe que há muitas situações de descontinuidade que ridicularizam convicções sobre o futuro, como se viu aquando das crises económica ou sanitária. E, contudo, o passado não deve ser apenas a soma dos presentes sem um rumo previamente pensado. Por isso, é necessário falar no futuro, prepará-lo e, na medida do possível, conseguir garantir a sua construção coletiva.

A minha incapacidade de previsão e, além disso, o desconhecimento do que é coletivamente desejado, devia-me deixar por aqui. Mas, aceite o convite, avanço um contributo, recorrendo à ajuda de tecnologia. “O futuro da Geografia é promissor”, começa por dizer-me o CHATGPT, que traz a inteligência artificial para o nosso dia-a-dia. Ele considera que “as tendências que podem moldar o futuro da Geografia” são: geotecnologia; sustentabilidade e mudanças climáticas; geografia urbana e geografia e sociedade. Todavia, é muito curioso notar que, se lhe fizermos a pergunta em inglês, muda de opinião. Menciona como domínios centrais: “spatial analysis and big data; interdisciplinary collaborations; climate change and sustainability; geospatial technologies; critical and humanistic perspectives; global and local contexts”. Em inglês, o CHATGPT faz desaparecer a centralidade do urbano e a ideia que “a compreensão dos padrões espaciais das áreas urbanas, as análises de desigualdades socioespaciais e o planeamento de transportes e uso do solo serão áreas de foco” ou que “...questões como migração, desigualdade, conflitos territoriais, globalização e geopolítica (...) são fundamentais...”. Estes temas serão mais importantes para o Brasil, talvez. Em contrapartida, ganha expressão a análise espacial e o big data, há referência à colaboração entre disciplinas, assim como às abordagens da geografia crítica e da humanista e lembram-se os contextos global e local, o que será mais caro ao mundo “anglo-saxo-cêntrico”.

“Overall, the future of Geography lies in the ability to adapt and embrace emerging technologies, collaborate with other disciplines, and address pressing global challenges. As the world becomes more complex and interconnected, Geography will continue to provide valuable insights into understanding and managing our planet”. Espero que sim. Todavia, além da compreensão do mundo, será essencial, digo-te eu, CHATGPT, não esquecer outras escalas, desde logo a local, de que até falas antes, mas também a regional, a nacional e a submundial (que, no caso português, deve privilegiar a Europa). Além disso, será sempre importante compreender as várias escalas na sua articulação. Creio mesmo que, no futuro, esse será um dos elementos de distinção do geógrafo. No futuro, ou talvez até hoje.

[1] Aqui, em profetas e bruxos, como sempre ao longo do texto, quando no plural uso uma palavra que termina em “os” ou “as”, pretendo incluir sem discriminação indivíduos do género masculino e feminino, evitando colocar “o/a” e “os/as”, duas palavras em vez de uma, ou procurar formas neutras.



Quando a complexidade ganha (e ganhará, creio eu) mais relevância, isolar as partes para entender cada uma delas é importante, incluindo a simples memorização de referências, mas não tanto como foi. Estudar apenas os rios, ou a indústria, apenas a população, ou o clima, não bastará – ou basta – para compreender nenhum destes elementos, porque eles são mais bem entendidos se vistos num sistema. Nesse sentido, estudar apenas uma disciplina científica será pouco também. A transversalidade será cada vez mais importante. O que implicará articulação de conhecimentos especializados. Se assim for, como creio e espero, isso significará igualmente o aumento da importância de compreender o modo como diversos elementos interagem no espaço. Por isso, estou de acordo contigo, CHATGPT, “a Geografia tem um futuro promissor”. Assim saiba incorporar conhecimentos, o que vem dos clássicos e de autores mais recentes, com as tecnologias emergentes, como tu e o (muito mais) que virá.

No ensino obrigatório, quero crer que a Geografia, tal como a História, continuará a ser disciplina essencial na formação dos cidadãos, dando-lhes referências fundamentais para a sua vida individual e coletiva. As derivas tecnológicas acalmarão – assim creio, ou melhor, espero – e, na formação, as ciências sociais serão tão importantes como as demais. Num futuro onde a aprendizagem para a complexidade será central, devemos poder, cada um de nós e coletivamente, como sociedade, “construir” estudantes ávidos por aprender e professores atualizados, apetrechados e motivados, sempre desejosos por experimentar novas formas de promoção de aprendizagens relevantes.

Entretanto, para a notoriedade futura da Geografia contribuirão alguns nomes do passado e do presente, assim como os que por certo emergirão em redes sociais e formas de difusão que estão por aparecer, bem como nas plataformas de divulgação de maior exigência científica. Mas, uma dimensão fulcral do futuro será, estou convencido, a da importância social da disciplina. A velha questão do “para que serve” teve resposta até aos anos 90, em mais de 90% dos casos dos licenciados, com um: “para dar aulas”. A ligação que se fez depois, complementarmente, foi ao planeamento: veja-se, a esse propósito, a designação de cursos e departamentos das nossas universidades, ou a presença de geógrafos em lugares políticos e administrativos, ou em empresas e consultoria ligados ao planeamento. A complicação instalada por burocracia desnecessária, serviços públicos disfuncionais e confusões jurídicas têm retirado atratividade, prestígio e efetividade aos planos, que não parecem aproximar-se dos princípios da governança territorial. Felizmente, emergem novas abordagens e muitas oportunidades, no urbanismo, no projeto, na gestão territorial e em estudos sobre os mais diversos temas, em todas escalas, onde os geógrafos coordenam ou ganham prestígio pela qualidade do seu contributo.

A minha convicção é que, na investigação, no ensino e na aplicação do conhecimento, a quantidade como a diversidade de oportunidades aumentará, fazendo apelo à capacidade de adaptação e flexibilidade, bem como à aprendizagem contínua.

Espero que cada um saiba encontrar o seu caminho, porventura feito de vários trechos dum percurso que deve ser muito mais irregular e desafiante que o meu, que já foi muito mais que o dos meus pais. Espero também que, nele, se sinta geógrafo. Sem complexos em aceitar o contributo para o enriquecimento da Geografia por parte de não geógrafos, enquanto, desde a Geografia, contribui para o avanço do conhecimento, a formação de cidadãos melhores, a construção de uma sociedade mais justa e de territórios mais preparados para enfrentar os desafios do futuro.

O Geógrafo e o futuro

Matilde Xavier Pequito Salgueiro Mendes

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território,
Universidade de Lisboa



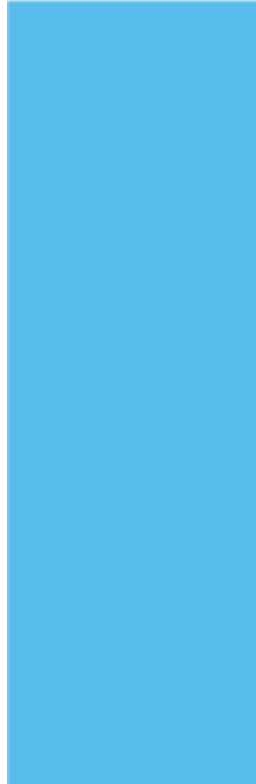
Quando toca à Geografia, um dos primeiros pensamentos que nos ocorre é a sua longa e remota história: não só como uma das disciplinas académicas mais antigas do mundo, mas também no papel que desenrolou em todo o processo civilizacional.

O Geógrafo sempre demonstrou um papel preponderante, desde a produção e desenvolvimento cartográfico (que tanto contribuiu para os registos históricos), até ao entendimento das dinâmicas tão peculiares entre o Homem e o Sistema Terrestre.

Desde a expansão civilizacional e a ocidentalização... muito foi perdido; especialmente no que toca à nossa ligação com o Mundo: desconectando-nos cada vez mais da Mãe-Natureza, e das ligações com o ambiente que nos rodeia, não só de uma perspectiva física, mas humana também: pela gradual perda de empatia e olhar para com o próximo. Nesta descrição, que considero uma visão atual (com um toque de niilismo), onde se encontra o Geógrafo?

A resposta poderá variar de acordo com o leitor, porém, considero que o Geógrafo não se encontra necessariamente nesta conjectura, uma vez que são dotados de uma singularidade inigualável. Os geógrafos são, de facto, especiais. São as crianças curiosas e aguçadas que questionavam tudo ao seu redor, desde os processos físicos como as formas relevo e o sistema climático, até às raízes da empatia humana, tornando-se cada vez mais despertos para as problemáticas e disparidades sociais. A verdade é que ser geógrafo é muito mais que uma profissão: é uma essência. O olhar geográfico é algo que nasce e cresce connosco, e não é restrito ou afunilado...é multifacetado. Uma vez que a ciência da geografia se encontra no interface complexo entre o Humano e o Sistema-Terra - a capacidade de o analisar só pode provir de alguém que o compreenda na sua totalidade, algo que só o Geógrafo pode fazer. Se ele carrega este olhar sobre o ambiente onde vivemos, porque não é mais consultado e incluído nas mais variadas decisões face à presença humana no Mundo?

É urgente o papel da Geografia ser mais valorizado, principalmente nos campos diretamente relacionados com as esferas de ação e de tomada de decisão, uma vez que os impactos no Sistema são prontamente estudados pelos geógrafos nas mais variadas profissões. A contínua inclusão da geografia no mercado e em órgãos de decisão seria uma mais valia para muitas das áreas do saber, e juntas poderiam entrar numa perfeita simbiose. Tudo porque somos generalistas por excelência, e tanto sabemos das ações de forças endógenas e exógenas ou circulação atmosférica, como sabemos de novas conjecturas geopolíticas e fenómenos de globalização, ou sobre as aplicações das novas tecnologias na análise espacial, geoinformação e produção dos mais recentes elementos cartográficos - úteis para todas as áreas.



Não podemos cingir o papel desta ciência a algo simples, porque não o é... mas temos sempre que ambicionar uma maior presença e importância do seu papel no mundo, e a nova geração pode cada vez mais mobilizar estes esforços: ao mostrar o nosso trabalho e os novos avanços. Uma das maneiras mais eficientes seria, naturalmente, através da prática da expansão da Comunicação de Ciência, e de tornar a ciência mais acessível e compreensível para todos. Isto demonstra ser cada vez mais importante uma vez que tem havido cada vez mais casos de indivíduos com uma perceção externa acerca da geografia praticamente nula. Fora da comunidade, muito poucos núcleos de pessoas e profissões são realmente bem informados acerca desta atividade. Esta perceção provém de um contacto próximo com diferentes faixas etárias, incluindo os jovens - que serão os mobilizadores do nosso futuro, incluindo o da Geografia. Estamos (sempre) presentes de um mundo em constante mudança, onde o lugar do Geógrafo só se irá afirmar continuamente através das próximas gerações, mas para isso, necessitamos de uma passagem de informação clara e contínua, que exceda as barreiras do núcleo dos Geógrafos, e alcance quem está fora dela, para que não tenhamos a tendência de ficarmos estagnados na posição atual, e consigamos demonstrar este input tão especial nas mais variadas áreas no Mundo.

Aquilo que conseguimos dizer com firmeza é apenas que o futuro da Geografia está nas mãos dos novos profissionais na área do Geomarketing, Deteção Remota, Planeamento e Gestão do Território, Análise de Riscos Naturais, Órgãos de Administração Local e Regional, Desenvolvimento Territorial... entre tantas outras que fazem parte da nossa (grande) esfera. Temos que ambicionar por mais transparência, tomada de riscos, transmutação, mas sempre com amor à profissão - porque a base da expansão, está sempre aliada à paixão.

O futuro promissor da Geografia

Paula Remoaldo

Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho

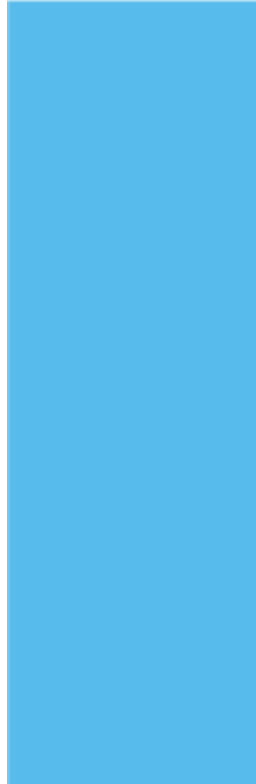


O futuro da Geografia (especialmente a Portuguesa) começou a ser trilhado há várias décadas, quando esta ciência se abriu, sobretudo a partir dos anos de 1980, aos problemas que afetavam o mundo. Depois de um deambular tímido na década de 1980, os anos de 1990 e de 2000 permitiram abordagens disruptivas e mais consonantes com as necessidades da classe política e da sociedade civil. Os Sistemas de Informação Geográfica (SIG), que se afirmaram a partir dos anos de 1990, foram um dos suportes para esta disrupção e ajudaram a construir uma análise mais holística da realidade. Têm permitido aos Geógrafos dominar softwares que, com dificuldade, os restantes membros das Ciências Sociais, nossos concorrentes (e.g., Economia), conseguem acompanhar em termos da sua aplicação no domínio do planeamento e do desenvolvimento regional e local. Mais recentemente, várias soluções ligadas aos WebSIG têm permitido ao cidadão comum usar de forma gratuita um manancial de dados disponíveis, constituindo uma nova janela de oportunidade para o Geógrafo e para a investigação que realiza, pondo à prova a sua criatividade.

A Geografia tornou-se mais colorida e alargaram-se as suas capacidades e competências em termos científicos e profissionais, fazendo jus ao que Peter Gould defendia, nos anos de 1980, para a nossa ciência. A sua paixão pela Geografia, que era assumida junto da sua esposa e dos inúmeros leitores (identificando-a como uma amante com muitos atributos, ainda que ligada a um amor do foro platónico), derivava das qualidades operativas que identificava nesta ciência e que quis mostrar ao mundo académico. O *The Geographer at Work* (editado pela Routledge & K. Paul, em 1985), entre outras publicações deste eminente Geógrafo Norte-Americano marcou a comunidade científica internacional e Portuguesa.

A capacidade de dominar técnicas quantitativas e qualitativas, visto ser uma ciência com dificuldades em assumir uma definição clara como ciência, permitiu-lhe granjear novos caminhos, quer no domínio das ciências sociais quer no de outras ciências ditas mais exatas.

Foram aproveitadas inúmeras temáticas a investigar que foram surgindo nas últimas décadas, como consequência de inúmeros novos desafios sociais, ainda que, muitas vezes, os Geógrafos ainda sejam apelidados de intrusos por parte de outras áreas científicas. Também, com elevada mestria e sentido de oportunidade, têm aplicado inúmeras técnicas quantitativas e qualitativas que não faziam parte do leque de possibilidades existentes até aos anos 2000. Tal permitiu melhorar a sua capacidade analítica, através do uso de modelos assumidos por outras ciências, como a Economia (e.g., Modelos Logit, Análise de Cluster e Análise Fatorial) ou do aprofundamento de outras técnicas desenvolvidas mais insistentemente pela Sociologia, como a observação (participante e não participante), o Focus Group ou o World Café. A Técnica de Delphi (usada frequentemente pelos Economistas e por outros cientistas sociais) também passou a figurar nas abordagens no âmbito do planeamento e no apoio à elaboração de novas políticas sociais. A diversificação do trabalho de campo também tem sido notória para quem se dedica à investigação em Geografia. Neste domínio, acreditamos que o Diário de Campo ganhará, no curto e médio-prazo, uma nova dimensão na análise crítica dos territórios.



A Inteligência Artificial é, seguramente, um mundo novo, onde a Geografia já se vem aventurando, pertencendo ao conjunto de ciências que, desde cedo, identificaram as suas potencialidades. As potencialidades dos Big Data, da Realidade Virtual e da Realidade Aumentada possibilitaram a sua aplicação em inúmeras temáticas (e.g., Turismo e Mobilidade Ativa), abrindo novos horizontes ao futuro da Geografia. Por seu turno, a ciência cidadã é uma dimensão que terá que fazer parte, cada vez mais, de futuras análises a serem realizadas pelos Geógrafos, sendo premente a sua aplicação no âmbito da temática das Alterações Climáticas.

Em concomitância com estas novas potencialidades tecnológicas e metodológicas, estamos a vivenciar, em Portugal, um momento de transição pacífica e sem ruturas, de gerações académicas, i.e., de forma contínua e sem aparente rutura (período de revolução, como apelidou Thomas Kuhn), tal como sempre advogou Paul Claval. Este é um momento ímpar em que coexistem nas Instituições do Ensino Superior uma geração de Geógrafos que foi influenciada pela Geografia Possibilista, pela Nova Geografia e/ou pelas Geografias Radicais, e uma nova geração que acompanha com muita facilidade os avanços tecnológicos, e é mais permeabilizada pelas teorias e práticas da Sociologia, da Psicologia e do Planeamento, em geral. Uma geração que aprendeu a fazer uma Geografia que tem que dar soluções mais rápidas e mais operativas à sociedade civil e às exigências em matéria de políticas. As diferenças são vincadas entre estes dois grupos de professores e de investigadores, mas não é tanto em termos de temáticas a analisar e na procura de contribuir para o aumento da qualidade de vida das populações e para o seu bem-estar. As diferenças são, sobretudo, em termos de soluções metodológicas e da urgência em encontrar soluções.

A Geografia continua e continuará a querer ser explicativa, procurando compreender como o ser humano estrutura o território para permitir às sociedades funcionarem de forma o mais eficaz possível (como destacou em 2006 Paul Claval). Continuará a conceber, na senda do mesmo autor, os seres humanos como peças de um organismo ou de uma máquina cujas articulações estão desenhadas tendo em vista um funcionamento harmonioso.

Os fenómenos naturais, económicos, sociais, culturais e políticos continuarão a dominar a nossa atenção e estaremos entre os poucos grupos de cientistas que dão especial atenção à leitura do território a várias escalas geográficas. Vários cientistas sociais têm tentado fazê-lo mas, amiúde, com menos sucesso do que os Geógrafos. O denunciar de quem beneficia mais ou menos com uma qualquer construção e padrão territorial vai continuar a ser central no trabalho da ciência geográfica, mas teremos que ser mais interventivos em termos públicos e políticos.

Como gestora de uma Unidade Orgânica da Universidade do Minho (Instituto de Ciências Sociais), sentimos a falta do acautelar da componente mais política da nossa ciência. Urge encontrar outras formas de, publicamente, e mais orgulhosamente, enunciarmos o que sabemos fazer! É verdade que, quer na investigação quer em termos de atividades de extensão universitária, os Geógrafos estão cada vez mais visíveis, mas não nos temos organizado como outros lobbies profissionais o conseguem fazer. Uma das soluções poderá passar por formar estudantes mais interventivos e que aprendam a comprovar, junto dos outros cientistas e da sociedade civil, que são igualmente necessários, no assegurar do bem-estar da população.

Percursos

Thiago Monteiro Mendes

Consultor (SPI) e Investigador (CEGOT)



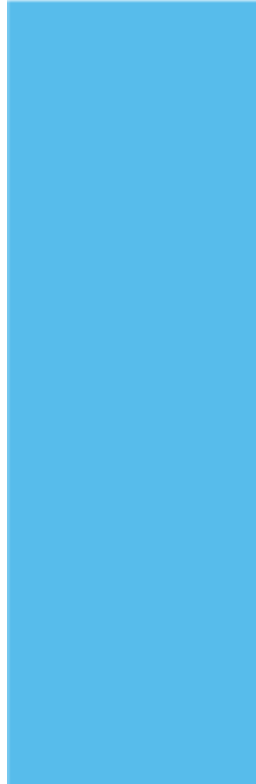
Um percurso, ora tangível, ora imaterial, desvenda-se em múltiplos significados. É tanto o caminho que se pisa, quanto trajeto na vida pessoal e profissional. Num intrincado entrelaçar de espaços, onde encontros e desencontros se inscrevem, absorvemos lições. Milton Santos dizia que o espaço é a acumulação desigual dos tempos. Nossa história, por conseguinte, acumula, também de modo desigual, aquilo que aprendemos nos espaços que habitamos. É um tanto como dizia o meu saudoso pai: "O que se leva da vida é a vida que se leva."

Numa quarta-feira de 2015 (mais especificamente 24/06/2015 às 14:16hs), estabeleci meu primeiro contacto com o Professor Rio Fernandes, então coordenador do curso de Doutorado em Geografia da FLUP, indagando sobre a possibilidade de desenvolver uma investigação no campo da inovação em saúde através daquele programa. Um simples e-mail desencadeou uma série de eventos insondáveis naquela ocasião. Em 25/09/2015, desembarquei no Porto com minha então namorada (hoje esposa), trazendo não apenas a bagagem material, mas, sobretudo, uma bagagem imaterial, forjada no meu período dedicado ao teatro, na graduação em Geografia na Federal Fluminense, no mestrado em Informação em Saúde do ICICT (Fiocruz), nos quase dez anos de ensino de Geografia em que tive contacto com mais de mil adolescentes, no Núcleo de Gestão em Biodiversidade e Saúde (Fiocruz), e em outros tantos espaços que se entrelaçaram na trama da minha história.

O afastamento das redes familiares e de amizades, deixadas do outro lado do oceano, amplificava o medo e suscitava a recorrente pergunta: serei capaz de exercer uma profissão ligada à Geografia em Portugal? A boa notícia é que, desde a graduação, a Geografia sempre foi um trunfo em meu currículo, mesmo que tenha tardado a perceber isso.

No Doutorado, conheci autores que se tornaram faróis em minha vida académica e profissional. Destaque para Rio Fernandes e Pedro Chamusca, com visões sobre turismo e comércio; Teresa Sá Marques, com o ordenamento do território; João Ferrão, com as políticas de desenvolvimento regional; Luis Carvalho e Mário Vale, com abordagens espaciais sobre dinâmicas de inovação; Ana Monteiro e Paula Santana, com temas da Geografia da Saúde; Jorge Ricardo Pinto, com a componente histórica associada à Geografia, entre outros, que ultrapassam fronteiras nacionais.

Ao concluir o Doutorado, trabalhei como projetista de redes de fibra ótica em uma empresa de engenharia de telecomunicações. Para a minha surpresa, descobri que geógrafos são constantemente requisitados neste setor por suas habilidades em Planeamento e Ordenamento do Território, e, sobretudo, em Sistemas de Informações Geográficas. Naquela ocasião, deparei-me com profissionais que elucidaram como o conhecimento que adquiri na academia era aplicado na prática em uma atividade mais ligada às ciências exatas. Dois protagonistas fundamentais nesse enredo por terem me ensinado lições valiosas foram José Silva e Sandra Fernandes.



Posteriormente, adentrei o universo da consultoria, que também se mostrou muito recetivo aos geógrafos. Desde então, envolvi-me em projetos de dimensões territoriais, em colaboração com câmaras municipais, CIMs, CCDRs, diversas entidades locais de desenvolvimento e muitos outros parceiros. Tais trabalhos envolveram a elaboração de Estratégias de Desenvolvimento, de Planos de Adaptação às Alterações Climáticas, de Planos de Ação, entre muitos outros trabalhos, além de candidaturas a programas nacionais e internacionais, e, ainda, participação em diferentes projetos Horizonte Europa. Esta vem se tornando uma experiência que destaco pelo aprendizado advindo da equipa do Eng. João Medina e demais colegas com quem mantenho contacto diariamente.

Retomando a ideia de que nossa história é a soma de espaços, percebo que os percursos, sempre imbuídos de saberes geográficos, conferiram-me condições diferenciadas para atuar profissionalmente. Apesar das várias dúvidas que frequentemente tomam o meu pensamento, a verdade é que a aprendizagem emerge em cada desafio que nos é colocado, e para os quais precisamos encontrar as respostas adequadas. Nesse trajeto, tenho aprendido a vislumbrar o mundo sob a ótica espacial, apoiado por aqueles que precederam minha jornada e pelos que caminham a meu lado, proporcionando os melhores instrumentos para que eu possa interpretar os fenómenos que se materializam no espaço. Não me refiro apenas à habilidade de elaborar e interpretar mapas – atividade de grande importância para a o geógrafo –, mas, sobretudo, à compreensão de que cada pessoa ou grupo social carrega consigo uma percepção singular do espaço. Isso exige a adoção de uma postura estratégica de ouvinte, essencial aos que desejam exercer a Geografia.

Ademais, pude desenvolver habilidades analíticas cruciais que me facultam trabalhar com uma grande variedade de dados, aplicando diversas metodologias, interpretando as informações produzidas e representando as suas espacialidades através da elaboração de cartografia. Essa competência inerente aos geógrafos tem sido reconhecida, há algum tempo, no setor público, pela sua relação com atividades de planeamento e ordenamento do território. Recentemente, contudo, vem sendo cada vez mais valorizada também no setor privado, não apenas em termos tecnológicos, mediante o desenvolvimento de aplicações com componentes integrados aos SIG, mas, igualmente, em termos estratégicos, por meio de análises diversas que permitem às empresas (assim como aos territórios) definir com mais acuidade suas estratégias de atuação, de crescimento e desenvolvimento.

Com esse breve relato dos percursos que trilhei, confesso que aproveitei para refletir sobre o que acumulei nos espaços por onde passei. Esse acúmulo de espaços reverberou-se também no acúmulo de pessoas com as quais cruzei nesses percursos. Assim, reconheço que a Geografia, como ciência, tem me conferido as ferramentas necessárias para contribuir com a sociedade, estando convicto de que sempre estará à altura das demandas que lhe são impostas. Quanto aos geógrafos, embora fale apenas a partir de minha experiência, entendo que cabe o incessante exercício de trilhar novos e antigos percursos e, sobretudo, de interagir com outras pessoas. Seja por meio de literatura, conversas, debates em salas de aula ou da participação política em diversas escalas, tais interações contribuem para dar clareza à aplicabilidade da Geografia em distintos contextos e, tão importante quanto, proporcionam ao geógrafo uma rede social, intelectual e profissional que o conduzirá sempre adiante nos percursos da vida. Ao menos posso dizer que esta é uma estratégia que tem funcionado bem a mim até agora.

A perspetiva de uma Professora na Região Autónoma da Madeira

Vera Patrícia Santos

Professora Licenciada em Geografia – Ensino, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Escola B+S Bispo D. Manuel Ferreira Cabral – Santana, RAM



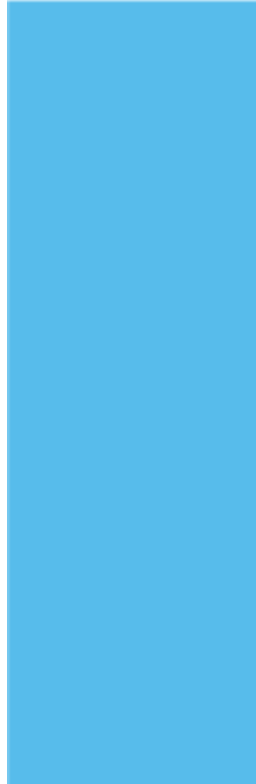
Vivemos numa era de rápidas transformações, em que as fronteiras geográficas estão, cada vez mais, permeáveis, e os desafios enfrentados pela humanidade, sejam políticos, ambientais ou bélicos, sentimo-los mais do que nunca. Nesta perspetiva, o futuro da Geografia é um horizonte vasto e, deveras emocionante, abundante em desafios e oportunidades que moldarão a forma como compreendemos e interagimos com o mundo. Nesta conjuntura, a Geografia já não é apenas a memorização de capitais, bandeiras e rios, mas uma ferramenta poderosa para analisar as complexas relações entre a sociedade, o meio e a tecnologia.

Como professora de Geografia, do ensino secundário, sempre vi e continuo a acreditar no papel desta disciplina na formação de cidadãos globais, informados e conscientes do meio que os rodeia. E exercendo a minha profissão numa região ultraperiférica da União Europeia há mais de 20 anos, a Região Autónoma da Madeira, mais especificamente, em Santana, afianço que é, ainda, mais desafiador. Neste cenário peculiar, onde as características geográficas se entrelaçam com questões culturais, económicas e políticas únicas, a Geografia passa a desempenhar um papel descodificador de fenómenos naturais e humanos e um auxiliar de compreensão e relação de acontecimentos dos mais simples aos mais complexos.

Estamos imersos numa era de evolução incessante e essa dinâmica não é diferente na Madeira, caracterizada pela sua distância geográfica ao continente e à Europa e por diversas limitações logísticas. Contudo, é neste contexto específico que a Geografia se pode revelar como uma ferramenta indispensável para compreender e enfrentar os desafios singulares com que nos deparamos.

Numa perspetiva mais prática, a evolução tecnológica vem desempenhar um papel muito significativo no futuro da Geografia. Ferramentas como os sistemas de informação geográfica (SIG) estão a permitir uma recolha e análise de dados mais rapidamente, fiáveis e acessíveis, permitindo que os alunos explorem e compreendam melhor os padrões espaciais específicos das suas regiões. Na realidade ultraperiférica, onde a conectividade pode ser um desafio, a tecnologia torna-se uma ponte para ampliar horizontes e superar as barreiras geográficas. No entanto, a tecnologia não deve ser vista como um substituto para os princípios fundamentais da Geografia. A minha visão para o futuro inclui uma abordagem equilibrada, em que a inovação tecnológica coexiste com a promoção de habilidades analíticas, comunicativas e pensamento crítico contextualizado.

O papel do professor não deverá ser apenas transmitir conhecimentos, mas, sim, capacitar os seus alunos para a análise de questões locais, como as dinâmicas das migrações, as atividades económicas ou os impactos das mudanças climáticas. Deverá conseguir tornar a Geografia relevante no seu quotidiano.



Assim, defendo que o futuro da Geografia deve passar por uma abordagem holística, integrando conhecimentos locais e globais, o que significa destacar as características únicas de uma região, preservando a sua identidade cultural e, ao mesmo tempo, tornando-a significativa no contexto global.

Nesta profissão, acredito na importância de despertar a curiosidade dos alunos para a compreensão das particularidades geográficas locais, o que envolve explorar temas como a influência da geografia na economia regional, as interações homem-ambiente e os desafios específicos enfrentados pelas comunidades locais no caminho para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida. Ao integrar todos estes elementos, os alunos não só absorvem conhecimento teórico, como ainda desenvolvem uma capacidade de análise mais profunda da riqueza e da complexidade da sua própria região.

A perspetiva ultraperiférica oferece oportunidades únicas para explorar questões geopolíticas e interações entre diferentes regiões, e por tal, há a necessidade de cultivar uma consciência crítica sobre as relações entre a região ultraperiférica da Madeira e o restante território da União Europeia. Isso inclui discutir questões como a dependência económica, os desafios logísticos (por exemplo, os transportes e as mercadorias) e as oportunidades de desenvolvimento sustentável. Assim, os alunos são incentivados a pensar globalmente, mas a agir localmente, desenvolvendo uma mentalidade que reconhece a interconexão entre as regiões ultraperiféricas e o panorama europeu mais amplo. A Geografia, portanto, para além de fornecer conhecimento, estimula a formação de jovens, os quais compreenderão e participarão ativamente no seu país e no mundo.

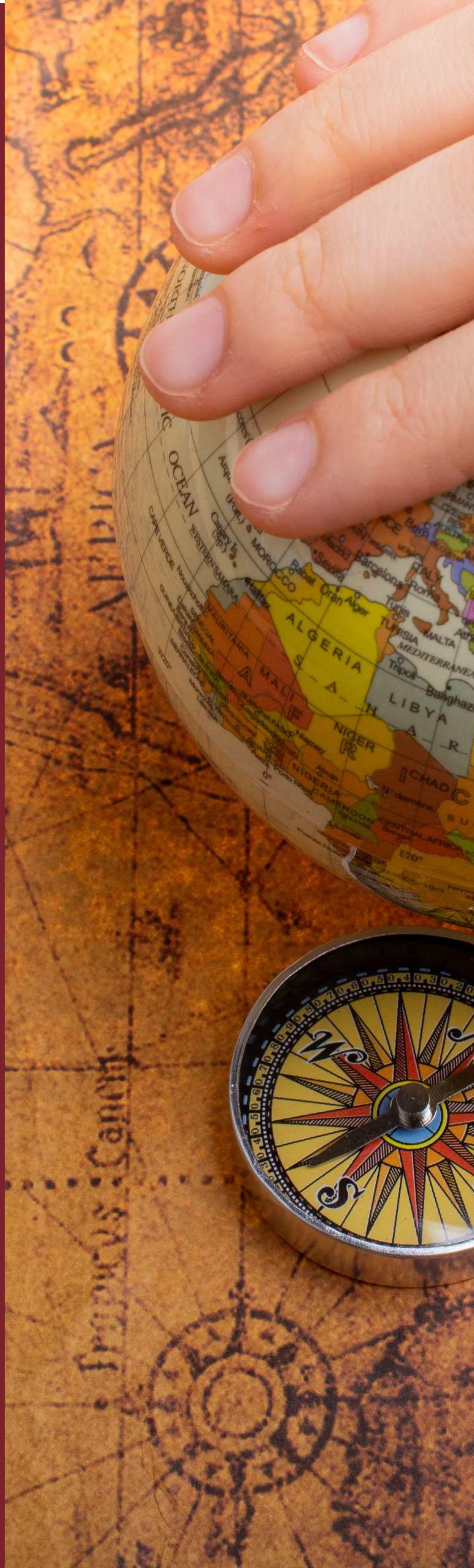
No entanto, ensinar Geografia numa região ultraperiférica não está isenta de desafios. A escassez de recursos humanos especializados, que se começa a verificar, e a necessidade de adaptação constante às mudanças globais exigem um compromisso contínuo por parte dos professores. O investimento em formação profissional e parcerias nacionais e internacionais pode ser fundamental para garantir que os professores estejam capacitados para guiar os alunos no entendimento de questões geográficas complexas.

Além disso, promover a Geografia como uma disciplina relevante no currículo nacional, e atrativa para os alunos, é verdadeiramente essencial. E as respostas podem passar pela criação de projetos educacionais inovadores, parcerias com instituições locais e a incorporação, cada vez maior, de abordagens práticas que conectem os conceitos geográficos aos desafios reais enfrentados pelos alunos numa região.

Em suma, o futuro da Geografia é moldado pela interseção entre a tecnologia, a identidade local e a participação global. Como professora, reconheço que o meu papel terá de ser o de uma facilitadora, capaz de inspirar os alunos a explorar, a questionar e a compreender as complexidades do seu meio. Devemos, também, continuar a enfatizar a importância da análise crítica, do pensamento espacial e da consciência cultural, pois essas habilidades são atemporais e fundamentais para a formação de uma geração preparada para enfrentar os desafios e explorar as oportunidades que o futuro reserva.

É assim que vejo o futuro da Geografia, como uma jornada empolgante, onde os educadores desempenham um papel vital na formação de mentes curiosas e comprometidas com a compreensão do mundo. Ao adotarmos uma abordagem centrada no aluno, podemos garantir que a Geografia permanece simultaneamente relevante e inspiradora, à medida que avançamos rumo a um futuro global e interconectado. Ao fazê-lo, a Geografia não apenas iluminará os caminhos físicos do mundo, mas também capacitará as mentes que moldarão o futuro desta região e país únicos.

Associação Portuguesa de Geógrafos



Factos & Figuras



“A escritura notarial da Associação Portuguesa de Geógrafos teve lugar no cartório notarial de Almada, no dia 23 de julho de 1987.”

A fundação da APG

A ideia de criar uma associação para congregar os geógrafos do país remonta aos finais dos anos sessenta, tendo sido lançada por Ilídio do Amaral, Professor Catedrático do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Contudo, a primeira iniciativa verdadeiramente consistente para tal, surgiu apenas após a Revolução de Abril, tendo como principal mobilizadora a geógrafa Maria Emília Sande Lemos, na altura colaboradora do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa. Entre junho e agosto de 1974 é enviado um questionário a 165 professores do ensino básico e secundário com formação geográfica e a todos os restantes geógrafos identificados, questionando sobre o seu interesse em participarem numa reunião tendo em vista a criação e identificação de objetivos de uma associação de geógrafos. Apesar das múltiplas manifestações de apoio e interesse a iniciativa acabou por não vingar.

A ideia de criação de tal associação só viria a ser retomada dez anos mais tarde, em 1984, tendo a iniciativa surgido no quadro de uma conversa ocasional que tive com Jorge Gaspar, Professor Catedrático do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com quem eu, então ainda jovem assistente, tinha o privilégio de partilhar o gabinete.

Ambos concordávamos que numa época em que o número de geógrafos crescera exponencialmente (mais um fruto da Revolução da Abril, que generalizou o direito e as possibilidades de acesso ao ensino superior), e se abriram múltiplas e diversificadas oportunidades de emprego para os licenciados em Geografia (do ensino, à administração pública e à consultoria em planeamento e desenvolvimento do território), era importante seguir os passos de outros profissionais, criando uma associação de carácter profissional tendo em vista "dar uma voz coletiva aos interesses e problemas dos geógrafos", de modo a assegurar uma melhor defesa dos seus direitos e, simultaneamente, conseguir-lhes uma maior afirmação e visibilidade na Sociedade.

Lançado o desafio pelo professor Jorge Gaspar, que de imediato aceitei, a primeira questão que lhe coloquei foi a de saber a sua opinião sobre os primeiros contactos a estabelecer e a mobilizar. Surgiram logo três nomes de geógrafos, que também eram do meu conhecimento e convívio: Fernando Correia, um dois mais antigos funcionários da Comissão de Coordenação Regional de Lisboa e Vale do Tejo (hoje Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo); José Carlos Pinto, sócio fundador da empresa de consultoria em planeamento territorial COPLANO – Cooperativa de Estudos e Projectos, S.C.A.R.L.; e José António Santos, funcionário da DGARL - Direcção Geral da Acção Regional e Local.

Tomei a iniciativa de contactar aqueles três colegas, que também de imediato se entusiasmaram com a ideia e manifestaram interesse e disponibilidade para se levar a cabo a criação da desejada associação de geógrafos. Seguiram-se imensas noites de amena cavaqueira, por norma em casa do José António Santos (sita na Avenida Conselheiro Barjona de Freitas, em S. Domingos de Benfica), de discussão de todos os aspetos inerentes à criação de uma associação profissional (nome, logotipo, âmbito, objetivos, organização, universo e tipologia de sócios, projeto de estatutos,...). Mais tarde, por sugestão do José Carlos Pinto, juntar-se-ia ao grupo dinamizador a Virgínia Ferreira de Almeida, então funcionária da DGOT - Direcção-Geral do Ordenamento do Território. Ficou assim constituído o autodenominado Núcleo Dinamizador da Associação Portuguesa de Geógrafos.

O nome da Associação seria fixado e registado na conservatória de registos e notariado de Lisboa como Associação Portuguesa de Geógrafos (APG). O logotipo, eu próprio o desenhei (alguns anos mais tarde seria substituído pelo atual). Em termos de tipologia de sócios foram consideradas apenas duas categorias: efetivos e extraordinários, sendo que estes últimos poderiam ser correspondentes ou honorários. No que se refere à organização, conforme foi dito na Circular do Grupo Dinamizador de maio de 1987, avançou-se com a proposta de criação de Delegações Regionais e de Seções Especializadas.



Primeiro Logotipo da APG

Tendo em vista a implementação das Secções Especializadas, avançou-se com a ideia de criar três, uma orientada para os professores do Ensino Básico e Secundário, outra para os professores do Ensino Superior, e uma para os restantes profissionais, no seio dos quais pontificavam sobretudo funcionários da administração pública (central, regional e local) e profissionais ligados a empresas de consultoria em planeamento do território.

A primeira a secção a ser pensada foi a ligada aos professores do ensino básico e secundário, tendo sido convidadas para a sua dinamização as professoras Odete de Sousa Martins e Conceição Coelho. Infelizmente, não foi possível levar a bom termo esta ideia, porque no decurso deste o processo estas colegas, sem aviso prévio, decidiram associar-se a um outro grupo que queria constituir uma associação autónoma dos professores de Geografia. Por iniciativa do Núcleo Dinamizador da APG, foram ainda encetadas algumas conversas com Maria Emília Sande Lemos e Maria Helena Gualberto, representantes daquele grupo de professores, no sentido de se criar apenas uma única e mais forte associação, tanto mais que o número de geógrafos no país era ainda limitado. As colegas ficaram irredutíveis nas suas posições, argumentando mesmo que a Associação Portuguesa de Geógrafos “seria algo controlado pelo pessoal da Universidade, mormente pelo professor Jorge Gaspar”. Nada mais falso, e em nome da verdade, até direi que nessa altura se havia alguém com poder para controlar alguma coisa relativamente à vida profissional dos professores do ensino básico e secundário, seria certamente quem tinha nas escolas a responsabilidade de orientação dos estágios. E, assim, abriu-se caminho à criação de duas associações profissionais de geógrafos, uma de carácter global e integrador (Associação Portuguesa de Geógrafos) e, outra específica dos professores de Geografia do ensino básico e secundário (Associação de Professores de Geografia), as quais ainda hoje existem e que, também em abono da verdade, deve dizer-se que se têm desenvolvido e convergido nalgumas ideias e iniciativas comuns em defesa e promoção da Geografia.

A escritura notarial da Associação Portuguesa de Geógrafos teve lugar no cartório notarial de Almada, no dia 23 de julho de 1987. Para o efeito, o Núcleo Dinamizador convidou também para subscreverem a escritura (presencialmente ou por procuração) os seguintes geógrafos: Álvaro Corte Real, Bernardo Serpa Marques, Carlos Manuel Ferreira Sirgado, Diogo Abreu, Ilídio do Amaral, Jorge Gaspar, José Manuel Pereira Oliveira, Maria Eugénia Moreira, Raquel Soeiro de Brito e Teresa Barata Salgueiro. No seguimento, o Núcleo Dinamizador constitui-se como Comissão Instaladora ficando a Associação com sede na Avenida da Liberdade, nº 177, 4º esquerdo, Lisboa (que era também a sede da empresa COPLANO). Os Estatutos foram redigidos pelo advogado da COPLANO.



Estatutos e primeiro cartão de sócio da APG


Ao Professor Orlando Ribeiro, foi concedido o título de sócio honorário, sendo-lhe atribuído o número 1. Na ordenação seguinte sucederam-se, por ordem alfabética, os 5 membros da Comissão Instaladora, depois, os restantes membros que foram signatários da escritura de criação da associação e, finalmente, por ordem de inscrição os restantes sócios.

Nos sete meses da sua existência, a Comissão Instaladora, constituída por Fernando Correia, José António Santos, José Carlos Pinto (eleito pelo Núcleo como presidente), José Manuel Simões e Virgínia Ferreira de Almeida, levou a cabo várias tarefas e iniciativas entre as quais se destacam: i) Circulares de divulgação da Associação e captação de sócios, datando a primeira de maio de 1987; ii) Elaboração dos modelos de ficha e de cartão de sócio; iii) Conceção do boletim trimestral INFORGEO - INFORmação GEOgráfica, com três séries, a Série A dedicada a questões gerais do interesse dos geógrafos, a Série B dedicada à divulgação de Bibliografia; e a Série C dedicada à Legislação (mais tarde, em dezembro de 1990, estes boletins seriam substituídos pela revista INFORGEO); iv) preparação de um documento sobre a proposta ministerial de Reorganização dos Planos Curriculares dos Ensinos Básico e Secundário; v) organização do primeiro colóquio da Associação, subordinado ao tema "O Enquadramento Profissional do Geógrafo", que viria a ter lugar em Lisboa no Auditório do Padrão dos Descobrimentos, em 12 de março de 1988; vi) organização das primeiras eleições para os órgãos sociais da Associação, cuja Assembleia Eleitoral teve lugar imediatamente após o Colóquio.



Cartaz do primeiro Colóquio da APG e foto do evento

A Comissão Instaladora da Associação vigorou até 12 de março de 1988, quando tomaram posse os primeiros corpos sociais eleitos, tendo Ilídio do Amaral como Presidente da Mesa da Assembleia, Teresa Barata Salgueiro como Presidente da Direção e José António Santos como Presidente do Conselho Fiscal. O nome de Teresa Barata Salgueiro para presidir à Direção da APG surgiu por proposta minha numa reunião do Núcleo Dinamizador, ficando o José Carlos Pinto com a missão de lhe telefonar para a convidar, o que aconteceu ali mesmo no decurso da reunião.



Desde então, a Associação Portuguesa de Geógrafos, conseguiu mobilizar várias centenas de geógrafos com os mais variados tipos de ocupação, prosseguindo uma trajetória de consolidação, desenvolvimento e afirmação, quer no seio da comunidade geográfica, quer na própria Sociedade.

Datas importantes

Escritura notarial da Associação Portuguesa de Geógrafos – 23/07/1987
Publicação em DR Série III – 19/02/1988

Núcleo Dinamizador da Associação Portuguesa de Geógrafos

Fernando Augusto Correia
José António dos Santos
José Carlos Martins Pinto
José Manuel Henriques Simões
Maria Virgínia Guerreiro Ferreira de Almeida

Signatários da escritura notarial

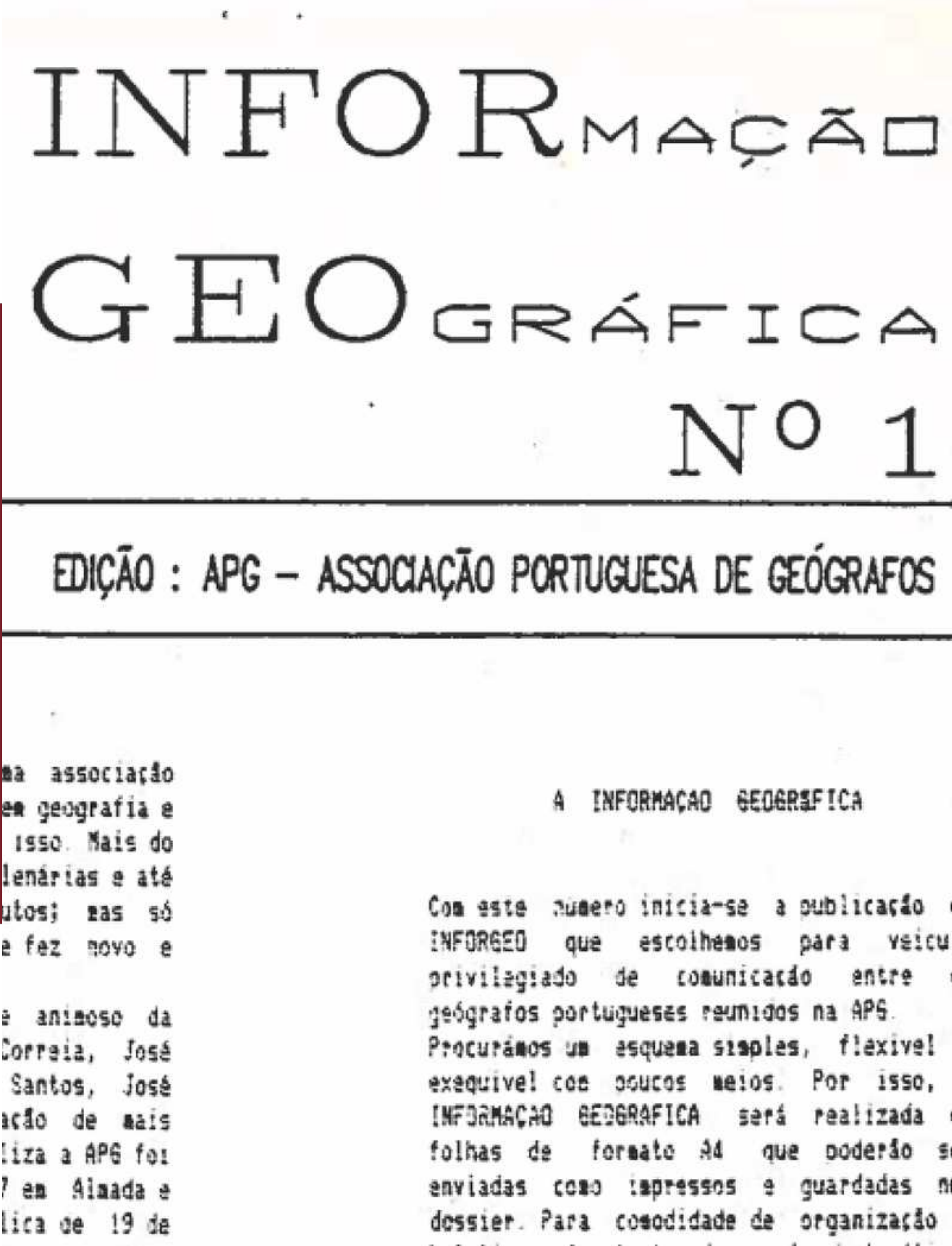
Álvaro Luís Saraiva Corte Real
Bernardo Serpa Marques
Carlos Manuel Ferreira Sirgado
Diogo José Brochado de Abreu
Fernando Augusto Correia
Ilídio Melo Peres do Amaral
Jorge Manuel Barbosa Gaspar
José António dos Santos
José Carlos Martins Pinto
José Manuel Henriques Simões
José Manuel Pereira de Oliveira
Maria Eugénia Soares de Albergaria Moreira
Maria Raquel Viegas Soeiro de Brito
Maria Virgínia Guerreiro Ferreira de Almeida
Teresa Barata Salgueiro

Presidentes

José Carlos Pinto (Presidente da Comissão Instaladora)
Teresa Barata Salgueiro (1988-1992)
Maria Eugénia Albergaria (1992-1994)
Maria Leal Monteiro (1994-1998)
Maria José Roxo (1998-2000)
António Fernandes (2000-2002)
Jorge Malheiros (2002-2004)
Mário Vale (2004-2008)
Margarida Pereira (2008-2012)
Rui Pedro Julião (2012-2016)
José Rio Fernandes (2016-2020)
António Bento Gonçalves (2020-2022)
Pedro Chamusca (2022-2024)

*Texto gentilmente cedido por José Manuel Simões.
Datas e listas finais resultantes de pesquisa elaborada por Clara
Guedes, com apoio de Jorge Malheiros e Sérgio Claudino.*

Valorização da Geografia



“São várias as expressões profissionais da Geografia: ensino, investigação, administração pública, setor privado...”

Defesa, promoção e valorização da Geografia

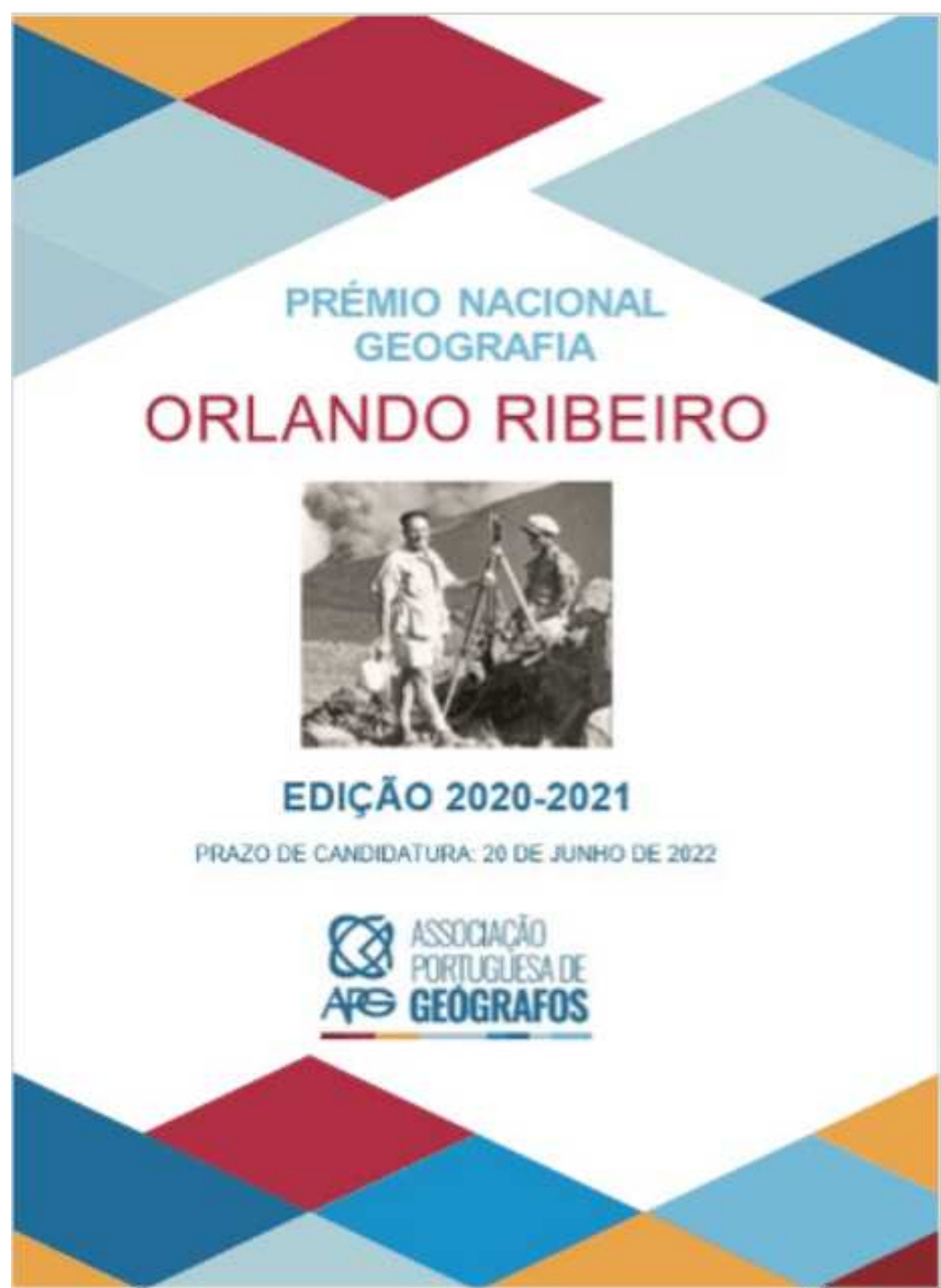
A Associação Portuguesa de Geógrafos desenvolve várias iniciativas orientadas para a defesa, promoção e valorização da Geografia e dos seus profissionais. Da atividade docente (no ensino superior, secundário e do terceiro ciclo do ensino básico) à investigação, passando pelas várias profissões e tarefas que as Geógrafas e os Geógrafos desempenham no setor público e privado, são várias as expressões profissionais da Geografia.

A APG procura representar todos, sem exceção. Neste sentido, organiza várias iniciativas: encontros (nacionais e ibéricos) de reflexão e aprofundamento científico; prémios para os estudantes que mais se destacam no seu processo de formação geográfica; saídas de campo; olimpíadas da Geografia; concursos fotográficos; homenagens; publicações e muito mais.

Neste capítulo apresenta-se um pouco da atividade regular da APG, dando conta do propósito de cada iniciativa, dos seus destinatários e da relevância das mesmas.

Prémio Nacional de Geografia Orlando Ribeiro

O Prémio Nacional de Geografia Orlando Ribeiro pretende promover, incentivar e estimular a investigação geográfica, galardoando o autor de um trabalho científico de excelência em Geografia que contribua para desenvolver processos de reflexão da Geografia e/ou para aprofundar criticamente o conhecimento geográfico, tanto numa área temática da Geografia, como no estudo de uma parte da superfície terrestre. Poderão ser apresentados a concurso todas as teses conducentes à obtenção do grau de Doutor em Geografia. As teses de doutoramento deverão ter sido realizadas e concluídas em universidades portuguesas, admitindo-se também a concurso teses conducentes à obtenção do grau de Doutor realizadas em universidades estrangeiras, desde que sejam da autoria de cidadãos de nacionalidade portuguesa.



Prémio APG Mestrado

O Prémio APG Mestrado destina-se a premiar Geógrafos que tenham produzido trabalhos científicos de excelência em Geografia, conducentes à atribuição do grau de mestre sendo elegíveis todas as dissertações que contribuam para o avanço e afirmação da Geografia, seja através do desenvolvimento de processos de reflexão ou do aprofundamento crítico do conhecimento geográfico numa área temática da Geografia, ou num estudo de caso particular.

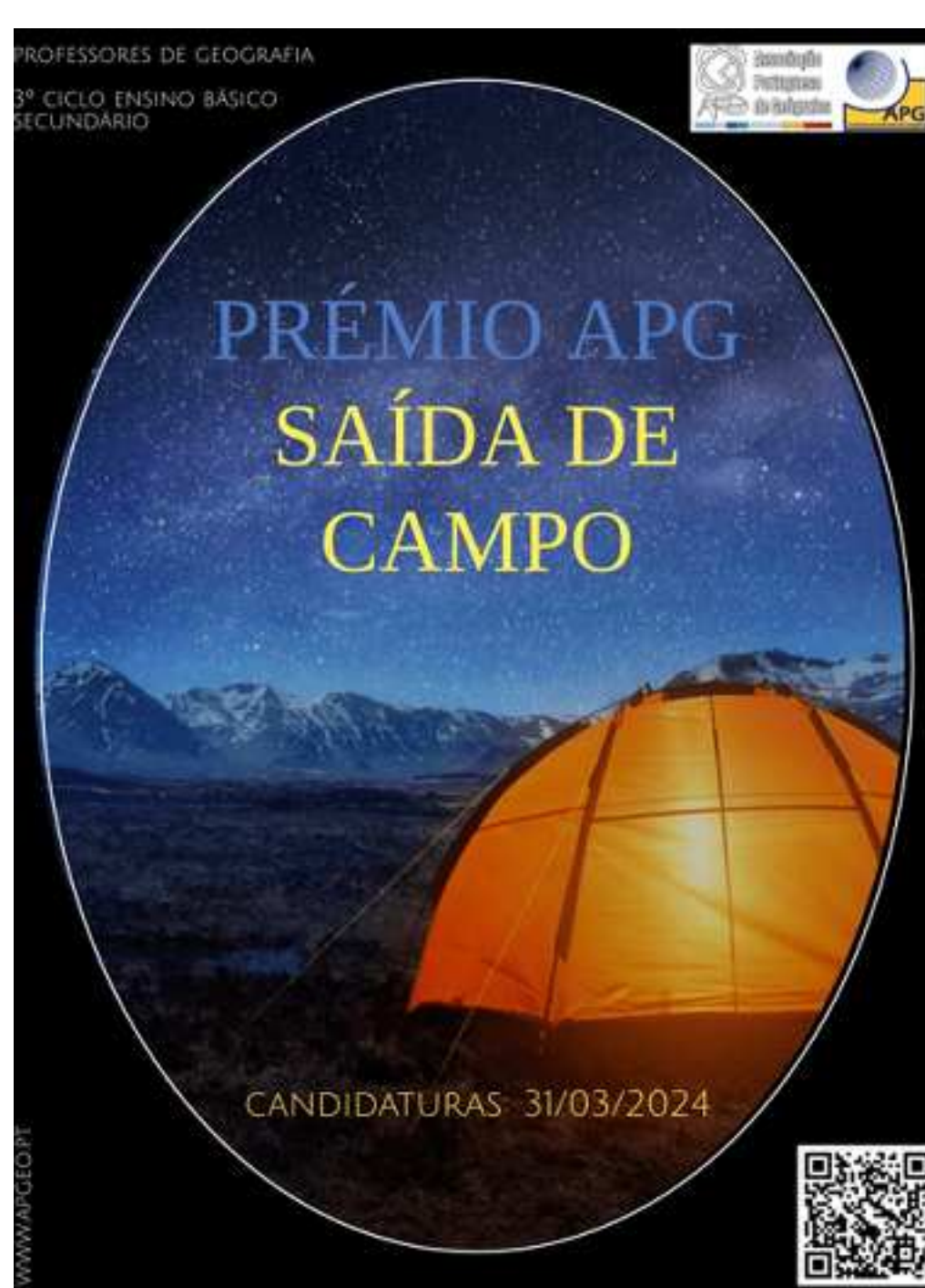
Pretende promover, incentivar e estimular a investigação geográfica, designadamente a que é realizada no contexto dos cursos de segundo ciclo em Geografia.



Prémio APG Saída de Campo

O Prémio APG Saída de Campo tem por objetivo incentivar as saídas de campo e distinguir projetos que prestigiam a Geografia, designadamente no ensino realizado no 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário. Este prémio destina-se a premiar professores de Geografia que utilizam as saídas de campo como elemento didático e pedagógico de apoio ao conhecimento do território e à compreensão dos conteúdos curriculares lecionados.

Esta iniciativa é promovida pela Associação Portuguesa de Geógrafos, com apoio da Associação de Professores de Geografia. São elegíveis todas as saídas de estudo, organizadas por professores de Geografia do 3º ciclo do ensino básico, ou do ensino secundário, em escolas (públicas ou privadas) localizadas em Portugal, dinamizados individualmente ou com colegas de outras disciplinas.



Prémio APG Melhor Estudante

O Prémio APG Melhor Estudante tem por objetivo promover, incentivar e estimular o interesse e acesso de jovens estudantes aos cursos de licenciatura em Geografia existentes em Portugal, a saber: Licenciatura em Geografia (Universidade de Coimbra); Licenciatura em Geografia (Universidade de Évora); Licenciatura em Geografia (Universidade de Lisboa); Licenciatura em Geografia (Universidade do Porto); Licenciatura em Geografia e Planeamento (Universidade do Minho); e Licenciatura em Geografia e Planeamento Regional (Universidade Nova de Lisboa).

São elegíveis todos os candidatos que cumpram os seguintes critérios: ingresso no ensino superior, numa das licenciaturas em Geografia; candidatura à licenciatura em Geografia como primeira opção; e efetivação da matrícula na licenciatura em que foi colocado



Prémio Olhares Geográficos

Concurso fotográfico promovido pela Associação Portuguesa de Geógrafos. O concurso é aberto ao público em geral, sendo a participação gratuita. Nas quatro edições já realizadas os temas a concurso foram diversos, mas de elevada relevância no contexto da Geografia:

1ª Edição: Pandemia - Territórios em mudança. A atual pandemia, que motivou mudanças drásticas na forma como olhamos o território, como gerimos o espaço e dentre deste a distância, como reaprendemos a desenvolver atividades económicas e lidar com os outros.

2ª Edição: Alterações Climáticas: emergência e resiliência territorial. As mudanças registadas no território nacional, fruto do impacto das alterações climáticas, testemunhando a emergência de atuações de adaptação e mitigação, mas também, que demonstrem o caráter resiliente do território e das comunidades a tal fenómeno.

3ª Edição: Territórios e Migrações. As mudanças registadas na sociedade portuguesa fruto dos processos crescentes de migração, com impacto nas vivências, nas práticas, nas organizações e nas interações territoriais, sociais, laborais e outras.

4ª Edição: Água no Território - Desafios e Conflitos. Os desafios da água resultantes das alterações climáticas, das conflitualidades do seu uso e da importância de a utilizar de forma mais eficiente, sustentável e circular.



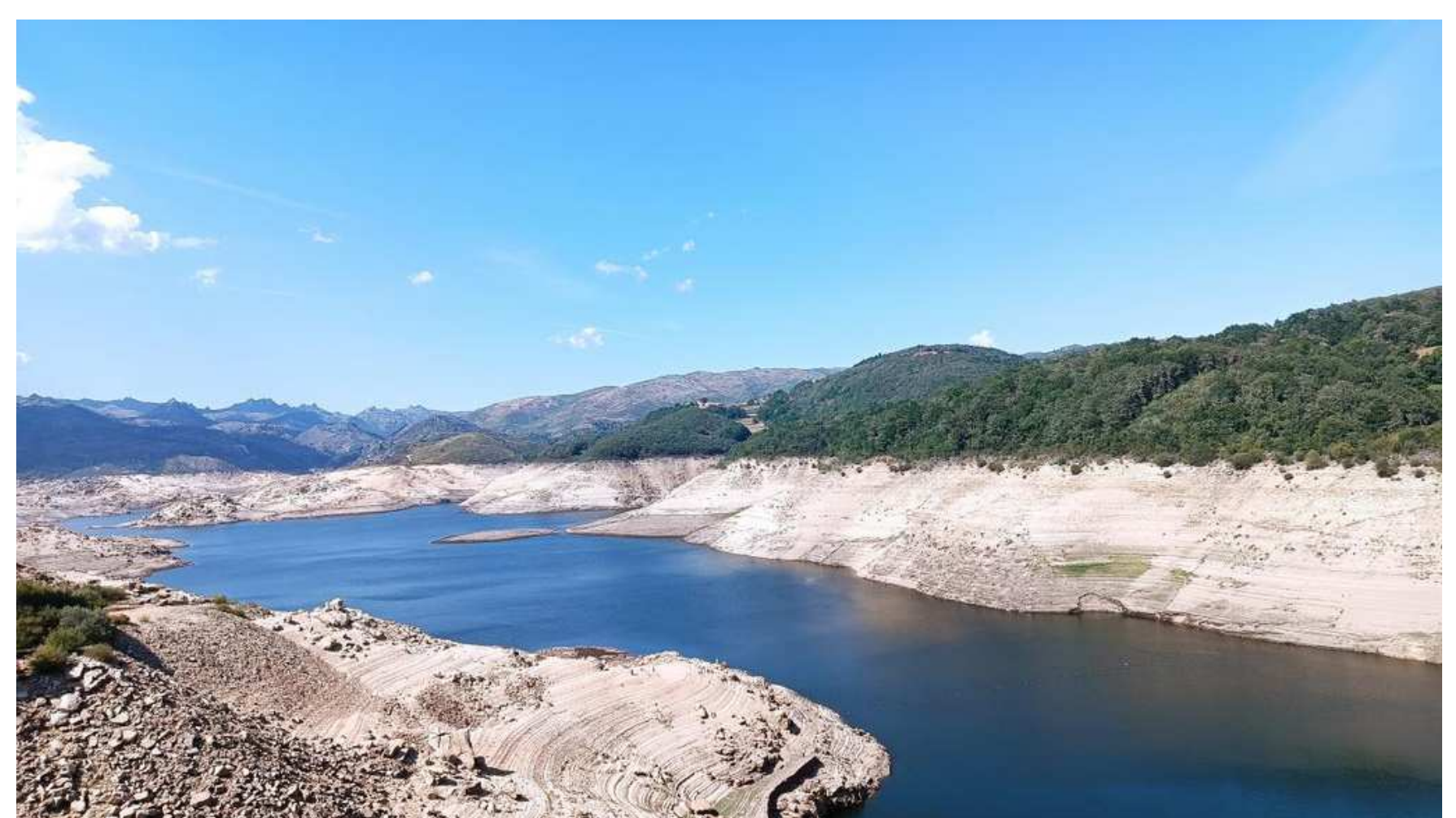
Fotografia de Rogério Madeira (Vencedor da 1ª Edição)



Fotografia de Manuel Fernandes (Vencedor da 2ª Edição)



Fotografia de Jorge Gonçalves (Vencedor da 3ª Edição)



Fotografia de Catarina Pinheiro (Vencedora da 4ª Edição)

Colóquio Ibérico de Geografia

O Colóquio Ibérico de Geografia realiza-se desde 1979, alternadamente em Espanha e Portugal, numa organização conjunta da Asociación Española de Geografía (anteriormente Asociación de Geógrafos Españoles) e da Associação Portuguesa de Geógrafos, constituindo o principal encontro de reflexão e debate dos temas mais relevantes da Geografia Peninsular.

1979 | Salamanca // I Colóquio Ibérico de Geografia

1980 | Lisboa // II Colóquio Ibérico de Geografia

1983 | Barcelona // III Colóquio Ibérico de Geografia

1986 | Coimbra // IV Colóquio Ibérico de Geografia

1989 | Leon // V Colóquio Ibérico de Geografia

1992 | Porto // VI Colóquio Ibérico de Geografia-"A Península Ibérica – um espaço em mutação"

1995 | Cáceres // VII Colóquio Ibérico de Geografia-"Portugal-España. Ordenación territorial del Suroeste Comunitario"

1999 | Lisboa // VIII Colóquio Ibérico de Geografia

2002 | Huelva // IX Colóquio Ibérico de Geografia

2005 | Évora // X Colóquio Ibérico de Geografia-"A Geografia Ibérica no Contexto Europeu"

2008 | Madrid, Alcalá de Henares // XI Colóquio Ibérico de Geografia- "La perspectiva geográfica antes los nuevos retos de la sociedad y el medio ambiente en el contexto ibérico"

2010 | Porto // XII Colóquio Ibérico de Geografia

2012 | Santiago de Compostela // XIII Colóquio Ibérico de Geografia - "Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual"

2014 | Guimarães // XIV Colóquio Ibérico de Geografia - "A Jangada de pedra"

2016 | Murcia // XV Colóquio Ibérico de Geografia - "Desafios e tendências da Geografia Ibérica"

2018 | Lisboa // XVI Colóquio Ibérico de Geografia - "Península Ibérica no Mundo: problemas e desafios para uma intervenção ativa da Geografia"

2022| Salamanca // XVII Colóquio Ibérico de Geografia - "Nuevas fronteras y nuevos horizontes en la Geografía Ibérica: políticas y transformaciones territoriales"

2024 | Coimbra // XVIII Colóquio Ibérico de Geografia - "Desafios societais: a perspetiva da Geografia"

X COLÓQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFIA

" A GEOGRAFIA IBÉRICA NO CONTEXTO EUROPEU"

Universidade de Évora

22 a 24 de Setembro de 2005

CIG22

XVII COLOQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFIA

Nuevas fronteras y nuevos horizontes en la Geografía Ibérica: políticas y transformaciones territoriales

SALAMANCA 4, 5 y 6 DE JULIO

MESA REDONDA 2

CENTROS, REDES E INSTITUCIONES DE COOPERACIÓN TRANSFRONTERIZA

SALIDA DE CAMPO 1

CIUDADES DE FRONTERA Y ABALUARTADAS EN LA RAYA CENTRAL IBÉRICA

LÍNEA SALAMANCA-GUARDA

XIV Colóquio Ibérico de Geografia

XIV COLÓQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFIA

A Jangada de Pedra – Geografias Ibero-Afro-Americanas

XIV COLOQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFÍA

La Balsa de Piedra – Geografías Ibero-Afro-Americanas

11 a 14 de novembro de 2014

Departamento de Geografia da Universidade do Minho

Guimarães, Portugal

CIG2024

XVIII COLÓQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFIA

DESAFIOS SOCIETAIS: A PERSPETIVA DA GEOGRAFIA

9 | 10 | 11 | OUTUBRO | 2024 - UNIVERSIDADE DE COIMBRA

XVI COLÓQUIO IBÉRICO

GEOGRAFIA

Península Ibérica no Mundo:
problemas e desafios para uma intervenção ativa da Geografia

La Península Ibérica en el Mundo:
problemas y desafíos para una intervención activa de la Geografía

PROGRAMA

Colóquio da Geografia Portuguesa

O maior encontro dos geógrafos e geógrafas portuguesas, que atualmente tem realização bienal e já vai na sua 14ª edição, tem contado com larga e diversa participação de investigadores, técnicos, professores e outros profissionais que pretendem divulgar os resultados das suas investigações nas mais variadas temáticas, tendo o último congresso apresentado comunicações que se distribuíram por 14 eixos.



- 1991 | Lisboa // I Congresso da Geografia Portuguesa: "Portugal: Territórios de Inovação"
- 1994 | Coimbra // II Congresso da Geografia Portuguesa: "A Geografia Portuguesa: debater as mudanças, preparar o futuro"
- 1997 | Porto // III Congresso da Geografia Portuguesa: "A interdisciplinaridade na Geografia portuguesa: novos e velhos desafios"
- 2001 | Lisboa // IV Congresso da Geografia Portuguesa: "Geografia: Territórios de Inovação"
- 2004 | Guimarães // V Congresso da Geografia Portuguesa: "Portugal: Territórios e Protagonistas"
- 2007 | Lisboa // VI Congresso da Geografia Portuguesa: "Pensar e Intervir no Território-Uma Geografia para o Desenvolvimento"
- 2009 | Coimbra // VII Congresso da Geografia Portuguesa: "Trunfos de uma Geografia Activa. Desenv. Local, Ambiente, Ordenamento e Tecnologia"
- 2011 | Lisboa // VIII Congresso da Geografia Portuguesa: "Repensar a Geografia para novos desafios: Competências, Investigação e Acção"
- 2013 | Évora // IX Congresso da Geografia Portuguesa: "Geografia: Espaço, Natureza, Sociedade e Ciência"
- 2015 | Lisboa // X Congresso da Geografia Portuguesa: "Os Valores da Geografia"
- 2017 | Porto // XI Congresso da Geografia Portuguesa: "As dimensões e a responsabilidade social da Geografia"
- 2019 | Guimarães // XII Congresso da Geografia Portuguesa: "Geografias da transição para a sustentabilidade"
- 2021 | Coimbra // XIII Congresso da Geografia Portuguesa: "O compromisso da Geografia para territórios em mudança"
- 2023 | Lisboa // XIV Congresso da Geografia Portuguesa: "Territórios em transição e sustentabilidade: crises e respostas"



Olimpíadas da Geografia

As Olimpíadas da Geografia são uma iniciativa da Associação Portuguesa de Geógrafos (APG) e da Associação Portuguesa de Professores de Geografia (APROFGEO) com o patrocínio do Ministério da Educação e da Fundação Calouste Gulbenkian.

Pretendem contribuir para o reconhecimento social da Geografia e promover o seu estudo. Esta iniciativa visa distinguir os melhores alunos de Geografia no ensino secundário e serve também para apurar os representantes nacionais nas Olimpíadas Internacionais de Geografia. Em 2023 três alunos tiveram uma experiência geográfica inesquecível na Indonésia.

Realizou-se, no dia 24 de janeiro, a Primeira Eliminatória da 6.^a edição das Olimpíadas da Geografia (2023/2024), uma coorganização da Associação Professores Geografia e da Associação Portuguesa de Geógrafos. Estavam inscritos 850 alunos, em representação de 73 escolas, de todo o país. Destes, 633 concluíram a prova com sucesso. Estão de parabéns todos os Alunos e Professores pela forma séria como encararam este desafio e valorizam, no seu dia-a-dia, a Geografia. Para a Segunda Eliminatória (24 de maio de 2024) ficaram apurados 23 alunos.



Noite da Geografia

Em 2017, o Comité Geográfico Nacional francês iniciou a primeira «Noite da Geografia», em Paris e numa dezena de outras cidades francesas. Foi um grande sucesso, com grande diversidade de público e organizadores, e centenas de pessoas presentes nos eventos. Este evento pretende dar a conhecer a geografia e os geógrafos ao grande público e tornar a investigação geográfica mais acessível. Os eventos propostos deverão, sempre que possível, ser gratuitos e abertos a todos os públicos.

A APG associou-se na segunda edição, que se expandiu pela Europa e que teve lugar em abril de 2018 em Lisboa, Porto, Coimbra e Guimarães. Desde então, a iniciativa tem sido constante em Portugal, reunindo todos os amantes da Geografia em diferentes atividades de festa e descoberta. A edição de 2024 está agendada para a noite de 5 de abril, com várias iniciativas de norte a sul de Portugal.



Conferências Geográficas

Debater temas relevantes no contexto da sociedade e do território e do país, partindo das ideias apresentadas por grandes especialistas da Geografia portuguesa. São cinco as edições realizadas, com ampla participação da comunidade geográfica e outros interessados.

1ª Edição: "**A Geografia Física feita em Português**"(Doutor Lúcio Cunha)

2ª Edição: "**A Geografia na construção duma cidade melhor**" (Doutor José Alberto Rio Fernandes)

3ª Edição: "**Ordenamento do Território e Transformação da Paisagem nos Territórios Vulneráveis**" (Doutora Fernanda do Carmo)

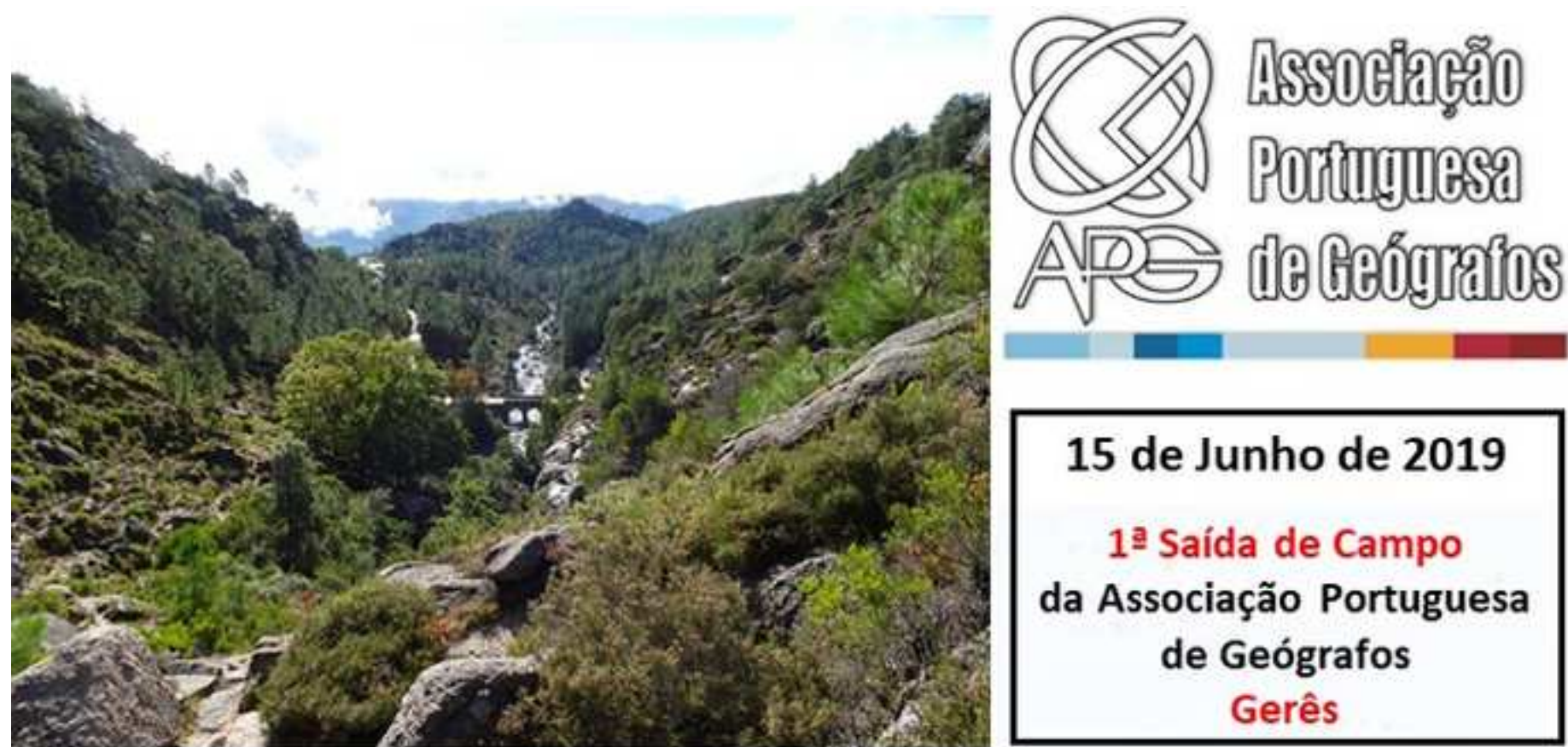
4ª Edição: "**Efeitos da pandemia COVID-19 nas migrações e mobilidades humanas: uma perspetiva geográfica**"(Doutora Lucinda Fonseca)

5ª Edição: "**Geografia - Ciência da Proteção Civil**" (Comandante André Filipe Fernandes)



Os Profissionais da Geografia

Encontros de reflexão e debate sobre as carreiras profissionais da Geografia. Do ensino (superior, secundário e do 3º ciclo do ensino básico) à administração pública, passando pela investigação e pelo exercício profissional privado nos vários ramos da Geografia, são várias as práticas e experiências. Em sessões muito participadas, os geógrafos partilham experiências sobre os seus percursos profissionais, muito diversificados e socialmente influentes, e discutem a situação presente e os futuros desejáveis para a profissão de geógrafo. Porto, Évora, Faro, Guimarães e Coimbra acolheram as cinco edições desta iniciativa.



Saída de Campo

A Saída de Campo da Associação Portuguesa de Geógrafos (APG) tem como objetivo promover o convívio e a discussão científica, no campo, entre Geógrafos. A primeira edição decorreu em 2019, tendo o Gerês como destino. Foi um dia intenso, com vários participantes a juntarem o conhecimento geográfico à camaradagem, e boa disposição.

Centro de Formação APG

O Centro de Formação da Associação Portuguesa de Geógrafos destina-se à formação dos diferentes profissionais da Geografia (docência, investigação, administração pública e setor privado), em áreas relevantes ao seu desempenho.

1. Contribuir para a formação contínua dos seus associados;
2. Garantir a execução de planos de formação contínua, adequados às prioridades por si definidas, ouvida a Direção da APG;
3. Atualizar conhecimentos e promover a aquisição de competências científicas e pedagógicas que promovam a melhoria das práticas pedagógicas e outras de natureza profissional ligadas ao desempenho profissional do geógrafo;
4. Fomentar o aperfeiçoamento e a divulgação das boas práticas, a partilha de experiências pedagógicas e de recursos educativos e outros, adequados às necessidades científicas e pedagógicas dos profissionais de Geografia;
5. Desenvolver ações de formação conjuntas com associações similares e outras entidades que exerçam atividades no campo da educação em geral ou da Geografia, quer sejam portuguesas, de outras nações, ou internacionais;
6. Incentivar a autoformação, a prática de investigação e a inovação.

Ao longo dos últimos anos têm sido várias as iniciativas desenvolvidas, designadamente cursos de formação acreditados e ações de formação de curta duração (relevando para a progressão na carreira dos docentes de Geografia), oficinas de Geografia e as Conferências da Natureza, esta em parceria com a FAPAS - Associação Portuguesa para a Conservação da Biodiversidade.

Cadastro, dinâmicas urbanas, saídas de campo virtuais, construção de mapas temáticos são algumas das temáticas com maior participação.

ON LINE

4ª edição
4 conferências da natureza
2024
FEVEREIRO e MARÇO

www.apgeo.pt
www.fapas.pt

17FEV

15-16h . Hélder Lopes
Perceções e Gestão Ambiental:
Contributos a partir da ciência geográfica

16-17h . Olívia Bina
Ao encontro da natureza nas cidades

24FEV

15-16h . Ana Poggi
A Dimensão Espacial da Transição Energética e a sua relação com o Território e a Sociedade

16-17h . Nuno Formigo
Gestão da água em tempos de incerteza climática

2MAR

15-16h . Ana Louro
Espaços verdes urbanos:
ambientes propícios à Cidade Saudável

16-17h . Nuno Gomes Oliveira
Aves do litoral

comunicacao@apgeo.pt

Associação Portuguesa de Geógrafos (APG), FAPAS (Associação Portuguesa para a Conservação da Biodiversidade), ICNF (Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas), APA (Agência Portuguesa do Ambiente), DGEstE (Direção-Geral do Território), REPÚBLICA PORTUGUESA

Geografia e Geógrafos

A Associação Portuguesa de Geógrafos, através da coleção "Geografia e Geógrafos", presta uma homenagem a Geógrafas e Geógrafos de referência no contexto nacional e internacional. Num pequeno livro, são convidados a apresentar-nos um texto novo ou antigo, a partilhar imagens, histórias, experiências, investigações. Além de homenagem são um elemento de aprendizagem, um instrumento de exploração... um manual de Geografia.

Número 1 - EPISÓDIOS DE UMA VIDA DE GEÓGRAFA | Raquel Soeiro de Brito

Número 2 - O AMBIENTE GEOGRÁFICO NATURAL | Suzanne Daveau

Número 3 - TURISMO E PERIFERIA: O CASO DA SICÍLIA | Carmina Cavaco

*Número 4 - PROCESSOS DE EXPANSÃO DA INDÚSTRIA EM PORTUGAL
CONTINENTAL - UMA ABORDAGEM DE GEOGRAFIA INDUSTRIAL | Lucília
Caetano*

*Número 5 - A POPULAÇÃO NA GEOGRAFIA DE PORTUGAL | Jorge Carvalho
Arroteia*

Número 6 - TEMAS E REFLEXÕES - BREVE ANTOLOGIA | Teresa Barata-Salgueiro

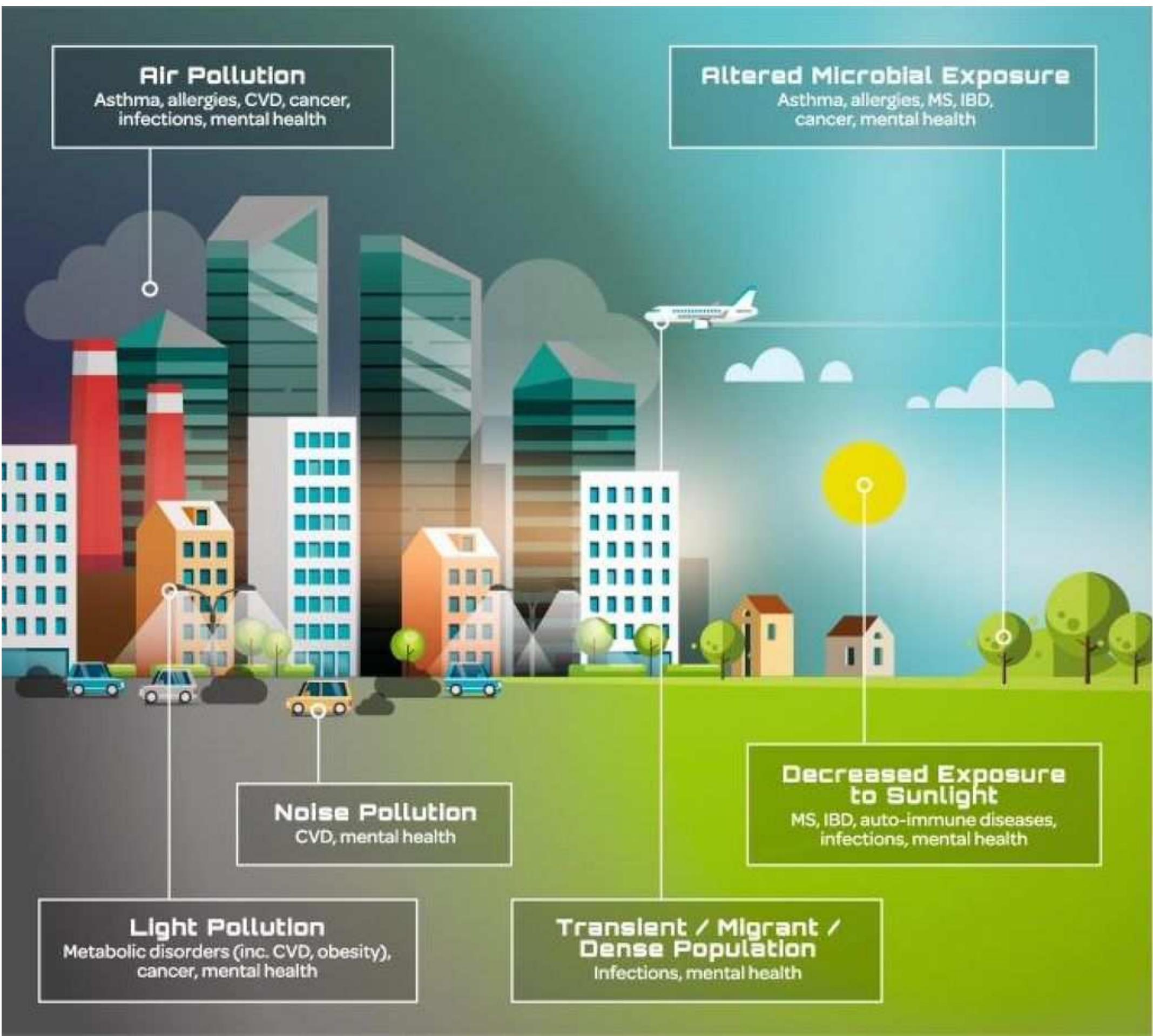
Número 7 - COLHEITA TARDIA | Jorge Gaspar



Entrevista e Geoflash

A Associação Portuguesa de Geógrafos apresenta, desde 2016, uma rubrica que consiste na entrevista a Geógrafos portugueses de referência no contexto nacional e internacional. Nestas entrevistas são convidados Geógrafos a expressar a sua opinião sobre papel da Geografia e dos Geógrafos, a comentar a atualidade e/ou a apresentar um livro. O pontapé de saída coube a Teresa Barata Salgueiro, Professora catedrática da Universidade de Lisboa e Presidente da Direção da Associação Portuguesa de Geógrafos entre 1988 e 1991. Desde 2016 já foram publicadas mais de 80 entrevistas.

O Geoflash é um espaço de opinião (máximo de 450 caracteres) com assinatura de Geógrafo(a)s. O tema é livre, sendo os conteúdos da responsabilidade dos autores. O ponto de partida para o comentário é a atualidade, considerando domínios de interesse da Geografia.



Maria Pacheco: Cidade versus Pandemia

"Se outrora víamos as cidades como um espaço de triunfo, hoje vemos-as como um espaço de grandes desafios ecológicos e climáticos. A influência da COVID-19 é um exemplo de que uma cidade nunca vai conseguir resolver um problema global; no máximo pode aprender a conviver com ele."

25 de fevereiro - Dia da Geografia Portuguesa

As entidades que constituem a 'Task-force pela valorização de Geografia', anunciamos que o dia 25 de fevereiro passará a ser o Dia da Geografia portuguesa, em homenagem à data da homologação do 1.º Curso de Geografia (sciencias geográficas) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, segundo o Decreto N.º 18003 de 25 de fevereiro de 1930.

Como em 2024, data de início da iniciativa, o dia 25 de fevereiro é num domingo, sugere-se que a(s) atividade(s) comemorativa(s) nas instituições e escolas decorra(m) na semana de 26 de fevereiro a 01 de março de 2024.

Juntos para dar mais visibilidade à ciência geográfica!

Uma iniciativa da Associação de Professores de Geografia, Associação Portuguesa de Geógrafos, e Associação Insular de Geografia

DIA DA GEOGRAFIA

25 DE FEVEREIRO



CONVITE

*Celebração do Dia da Geografia Portuguesa,
25/02/2024, na Sala de Conferências do IGOT, entre as
14h30 e as 16h00*

++ Lançamento da nova Inforgéo

++ Olhares sobre o futuro de Geografia

++ Apresentação do 7º número de Geografia e Geógrafos, da autoria de Jorge Gaspar e com apresentação de Álvaro Domingues

(oferta de exemplar aos participantes)



Associação Portuguesa de Geógrafos



Associação Insular de Geografia





ASSOCIAÇÃO INSULAR DE GEOGRAFIA




DIA DA GEOGRAFIA

25 fevereiro






Associação Portuguesa de Geógrafos



Associação Insular de Geografia



ASSOCIAÇÃO INSULAR DE GEOGRAFIA

Parceiros na valorização da Geografia



Associação Insular de Geografia



“A AIG tem procurado desenvolver a nível regional, ações concretas em diferentes áreas de intervenção da ciência geográfica.”

No editorial de Teresa Barata Salgueiro da n.º1 da Inforgeo (1990), entre o regozijo pela publicação do novo formato (numa bem mais composta revista, em vez do modelo inicial de folheto), damo-nos conta da importância que era então atribuída à existência de uma sede para a APG, onde já era possível “ter documentos e trabalhar”, embora reconhecesse que não eram ainda “*as condições ideais*”, havendo planos para o futuro que passavam então, por “*asseguramos a permanência de alguém na sede às quintas-feiras da parte da tarde (...) e até ao fim do ano esperamos ter telefone*”. Este pormenor “delicioso” do telefone, ferramenta indispensável para toda a comunicação externa da instituição, ilustram muito bem o quão distintas eram as condições de trabalho há pouco mais de trinta anos. Mas nenhuma dificuldade se torna realmente limitadora quando a ambição é grande na concretização de um projecto.

Foi assim, de resto, que também por cá, na Região Autónoma da Madeira (RAM), um grupo relativamente restrito de geógrafos deu os primeiros passos na criação de uma associação em defesa da Geografia. Porque precisamente as dificuldades eram então consideráveis, pensou-se por bem, que faria sentido começar por uma parceria com instituições já consolidadas, pelo que, o passo seguinte (aparentemente consensual) foi o de criar na RAM, uma espécie de “delegação” da Associação de Professores de Geografia. Infelizmente, essa tentativa, por variadíssimas razões que não importam aqui referir, não teve o sucesso pretendido e, o passo seguinte, acabou por ser a consituição de uma associação totalmente in-

dependente, facto que ficaria consumado com a formalização da Associação Insular de Geografia (AIG), a 31 de dezembro de 2004, sob a forma de uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, posteriormente reconhecida pelo Jornal Oficial da Região Autónoma da Madeira a 31 de março de 2005/ II Série n.º 63.

O nascimento da AIG fazia tudo o sentido. A RAM tinha já na altura um quadro expressivo de docentes de Geografia em exercício, a que se juntavam outros geógrafos (em muito menor número), sobretudo em funções na administração pública regional. A ausência de formação especializada para estes profissionais era uma preocupação legítima, e essa circunstância foi determinante no rumo que a AIG traçou nos seus primeiros anos de vida, muito focada no desenvolvimento de eventos (in)formativos (conferências, encontros, formação creditada, etc.) que permitiram trazer até à região referências incontornáveis da geografia nacional e que foram importantes no desenvolvimento posterior da própria AIG.

Embora o foco principal da AIG estivesse indiscutivelmente na sua classe docente, aos poucos e poucos, tornou-se evidente que, para crescer do ponto de vista institucional e, por inerência, crescer também como entidade promotora da investigação científica, seria preciso reajustar o seu rumo e os seus objectivos operacionais.

Por esta razão, entendeu-se por bem que seria necessário avançar na criação de estruturas autónomas dentro da própria AIG que, de forma mais profissional e sobretudo, mais eficiente, garantissem o desenvolvimento sustentável das diferentes áreas de intervenção da AIG.

Foi assim que nasceu o Centro de Formação e Desenvolvimento Geográfico da AIG (CFDG-AIG), em 2011, vocacionado para a promoção da formação técnica e pedagógica dos geógrafos insulares, sobretudo ao nível do ensino, onde se encontra a maioria esmagadora dos associados AIG, pese embora, toda a actividade formativa esteja naturalmente aberta aos não-sócios. No passado recente, foram as áreas do ordenamento e planeamento do território, o desenvolvimento das áreas protegidas, a didática da geografia, a sustentabilidade e os Sistemas de Informação Geográfica, aquelas às quais foram dada prioridade, muito em função das necessidades definidas pelos próprios formandos.

Também as conferências de largo espectro não foram descuradas, com a organização, em 2023, da 1ª edição das conferências ECOS Machico, focadas na gestão territorial e na sua sustentabilidade. A próxima edição já tem data agendada – 22 de março de 2024!



Passados dois anos da criação do CFDG-AIG, a AIG dá um enorme passo na expansão das suas áreas de intervenção, chamando a si os assuntos europeus, com o acolhimento do centro Europe Direct Madeira, uma estrutura que integra uma vasta comunidade de centros à escala europeia (420 na sua totalidade, distribuídos pelos 27 Estados-membros), sob a tutela da Representação da Comissão Europeia em Portugal. Estes centros tornam a Europa acessível às pessoas e levam-nas a participar em debates sobre o futuro da União Europeia (UE) e têm como objetivo central, a divulgação das políticas e programas europeus junto dos seus cidadãos, neste caso em particular, junto dos madeirenses e porto-santenses, que encontram nesta estrutura técnicos especializados capazes de partilhar informações, orientações e assistência geral a questões acerca da UE.



Por último, mas seguramente não menos importante, no seio da AIG nasceu também o Núcleo de Estudos e Projetos da AIG (NEP-AIG), uma unidade vocacionada para a investigação e desenvolvimento de projetos no âmbito da Geografia e Gestão do Território, assim como, o desenvolvimento de projetos de consultoria técnica.

Através deste núcleo, ao longo dos anos, a AIG tem desenvolvido diversos projetos de cariz geográfico que vão ao encontro das necessidades da RAM e dos quais destacariamos:

- O projeto "Educação para a Segurança e prevenção de Riscos" (2010) que tem como principal objetivo sensibilizar a comunidade escolar para a aquisição de comportamentos preventivos e de autoproteção face aos riscos, visando o desenvolvimento de uma cultura de segurança nas escolas e na sociedade regional. Este projecto iniciado após o aluvião de 20 de Fevereiro de 2010, continua ativo junto da rede escolar, tendo sofrido diversas atualizações ao longo do tempo.



- O projeto "Território Digital" (2017) focado na resposta às necessidades de gestão do poder local e aos desafios da era digital que se colocam às juntas de freguesia da RAM. De forma a colmatar essa necessidade, a AIG criou uma plataforma digital, adequada a dispositivos fixos e móveis, com o objetivo de disponibilizar à comunidade, um conjunto de informações relevantes e serviços online, nomeadamente: a comunicação de anomalias; registo e licenciamento de animais de companhia; solicitação de atestados, certificados, declarações e outros requerimentos; consulta de informações sobre as instituições locais, toponímia, editais e outros documentos relevantes. Por outras palavras, estamos perante uma plataforma digital que procura promover uma maior participação cívica dos cidadãos, bem como, facilitar a troca de informações entre entidades intervenientes na gestão do espaço público local.



- O projeto GIRO - Valorização da Área Protegida do Cabo Girão (2019) surge com o objetivo de recolha, tratamento e divulgação de informações diversificadas sobre a Área Protegida do Cabo Girão (APCG), numa ótica de valorização dos seus valores naturais e culturais, contribuindo-se de forma participativa para a sua preservação.

Partindo do princípio que dar a conhecer o património é a melhor forma de o preservar, foi também implementada uma estratégia de divulgação de informação e sensibilização da população (local e visitantes), tendo por base um paradigma de gestão territorial que visa a compatibilização entre o desenvolvimento económico e a sustentabilidade ambiental, baseada no conhecimento, valorização, proteção e promoção dos recursos e valores locais.




- O projecto ECOS Machico (2020) surge associado a uma perspectiva assente na necessidade de preservação dos recursos endógenos, naturais e culturais do concelho de Machico. A implementação deste projeto permitiu a disponibilização de novos recursos e serviços centrados na sustentabilidade, implementando uma estratégia de marketing territorial com base na valorização do património natural e cultural do concelho, assim como, desenvolver uma cultura de responsabilidade participante na comunidade.

Para a concretização destes objetivos, foi desenvolvido o conceito de "Ecosítio" para identificar sítios de geodiversidade, sítios de biodiversidade, pontos panorâmicos e/ou sítios de interesse histórico-cultural, com valores e interesses multidisciplinares de âmbito científico, didático e/ou socioeconómico.



- O projeto “Câmara de Lobos 360” (2022) enquadra-se numa estratégia de marketing territorial, aliando a transição digital e o branding, a um modelo de gestão assente na valorização, conhecimento, proteção e promoção dos recursos rurais locais do concelho de Câmara de Lobos. Trata-se de um projeto pioneiro na região, aliando património natural e cultural (material e imaterial), a uma nova era de digitalização dos serviços e experiências. A divulgação de indicadores e informações essenciais para o usufruto do património cultural e natural rural, será desenvolvido com recurso à tecnologia, nomeadamente, plataformas digitais, elementos 3D para visitação online, redes sociais, documentários, entre outros. Complementarmente, serão ainda produzidos recursos físicos - livro, brochuras e roteiros, associados ao desenvolvimento de rotas temáticas no concelho.





Em síntese, a AIG tem procurado desenvolver a nível regional, ações concretas em diferentes áreas de intervenção da ciência geográfica, tendo por base um conjunto de parcerias estratégicas, que aproximam-nos das entidades públicas e privadas da RAM e que, em última análise, permitem a consolidação da AIG enquanto estrutura não governamental privada, capaz de demonstrar à população em geral (e não apenas na área educativa formal, no contexto da área curricular que nos assiste), que a Geografia é uma área do conhecimento que tem muito para proporcionar aos cidadãos no desenvolvimento dos territórios onde vivem, na sua interpretação e na sua capacitação para um melhor usufruto daquilo que a própria região tem para nos oferecer.

Sempre estivemos e vamos continuar a estar, focados na defesa e valorização dos geógrafos, e totalmente comprometidos com o desenvolvimento regional e com os cidadãos da RAM.

